

*Santo do dia — 15/4/1989 — Sábado*

### **O “Tratado da Verdadeira Devoção”, a “Alma de Todo Apostolado”**

#### **\* Três fatos muito importantes em todo o decurso da minha vida**

O Sr. João Clá, no caminho de [minha] casa para cá, fez-me notar, no conjunto de fatos de minha vida que venho narrando, um tipo deles, a que não me tinha referido ainda, e muito importantes. Eu tenho a certeza absoluta que já tratei desses fatos aqui no auditório. Mas perante um público que não atingia a todos os que estão aqui presentes. De maneira que se compreende que eu, tanto quanto possível, rapidamente, repita alguma coisa a respeito desses três fatos que tiveram muita importância na formação da minha alma, e, portanto, em todo o decurso de minha vida.

#### **\* Sem ocupações profissionais, ou estudantis de monta, tinha tempo para leitura e meditação**

Deram-se eles mais ou menos quanto eu estava no último ano da Faculdade de Direito. Formei-me com vinte e dois anos. Devia ter portanto entre vinte e vinte e um anos. Coincide precisamente com um período de muita leitura na minha vida. Nosso grupo — o Grupo do Legionário — apenas formando-se, só se ocupava às noite na sede da Congregação Mariana. Fora disso, não tinha outra ocupação. Então, entretinha-me largamente com leituras; de mais a mais, tinha tido um emprego público, cursando durante a época de estudante, que consegui passar para a frente, ficando, assim, durante muito tempo sem ocupações profissionais, tendo vagar para ler e meditar, confortavelmente.

De fato, nesse período, eu li alguns livros, em que, para ser bem preciso, três deles foram principais e outros três foram auxiliares. Sobre estes direi alguma coisa, se houver tempo.

#### **\* O “Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem”, de São Luis Maria Grignion de Montfort**

O primeiro foi o Tratado da Verdadeira Devoção, de S. Luis Maria Grignion de Montfort. Livro que apesar de eu ter lido, relido e lido várias vezes, eu ainda o conservo junto a uma fotografia de minha mãe, na cabeceira de minha cama. Para relê-lo, eventualmente. Mas, em todo o caso, como símbolo de minha fidelidade a tudo quanto está ali dentro.

Embora seja uma edição popular muito comum, eu tenho esse livro como um preito de fidelidade àquilo a que eu quero ser perseverante até o último instante de minha vida: o propósito de crescer na devoção a Nossa Senhora, em todos os instantes, mais um tanto. Não se trata, para

mim, de ser devoto de Nossa Senhora, é outra coisa: crescer cada vez mais; Ou, melhor ainda: é ter uma devoção que não cesse de crescer em nenhum instante de minha vida.

#### **\* Ser cada vez mais fiel a Nossa Senhora, em todos os dias de minha vida — primeira petição ao comungar**

Quando os senhores me virem comungar, podem ter a certeza que, imediatamente depois de receber a Sagrada Partícula, a primeira oração que faço é a Nossa Senhora — por meio d'Ela ao Sagrado Coração de Jesus — pedindo para Lhe ser cada vez mais fiel, segundo S. Luis Maria Grignion de Montfort, até o fim de minha vida. Precisando melhor: para ser cada vez mais fiel na devoção a Ela, ensinada por S. Luis Maria Grignion de Montfort, em todos os dias de minha vida.

Esse livro causou-me causou-me uma impressão profundíssima, que me ficou ainda na alma.

#### **\* Minha devoção a Santa Teresinha**

Eu lembro-me que uma circunstância muito banal, pequena, esteve na origem na leitura desse livro. Eu era muito devoto, e ainda sou, de Santa Teresinha do Menino Jesus. Em condições particularmente delicadas, que relatarei aqui se tiver tempo e se me lembrarem, eu li a “*Histoire d'une âme*”, escrita por ela. Trata-se de uma autobiografia da vida espiritual dela. Por isso, eu tornei-me muito devoto dela.

Naquele tempo havia, em geral, no povo paulistano, uma grande devoção a Santa Teresinha. A tal ponto que, quando chegava o dia de sua festa, 3 de outubro, os bondes e ônibus que subiam e desciam a avenida Angélica — os senhores sabem que a igreja de Santa Teresinha fica na rua Maranhão, a pequena distância da Av. Angélica —, ao parar, magotes e magotes de transeuntes saíam... Gente que vinha de todos os bairros de S. Paulo, nesse dia, para prestar culto a Santa Teresinha do Menino Jesus. É tida como uma santa por meio de cuja intercessão se consegue grande número de graças.

#### **\* Um livro de marcar uma vida e um prêmio na loteria: pedi a Santa Teresinha**

Eu tinha lido esse livro dela e ficara profundamente impressionado. Vendo que todo o mundo obtinha graças por intermédio dela, resolvi pedir-lhe duas graças, das quais eu sentia muita necessidade. Uma era a de que me fizesse encontrar um bom livro. Um livro que valesse a pena ler. Livresco, livrequinho e livrinho há os aos montões. Queria um desses livros de marcar uma vida! Pedi-lhe que me fizesse encontrar esse livro.

De outro lado, pedi-lhe uma coisa muito diferente — vão até estranhar — ganhar uma loteria. No bilhete de loteria que eu comprei o prêmio máximo era 400 contos.

Correspondia a um patrimônio para levar a vida, no meu padrão, tranquila. Não brilhante, mas tranquila. Não queria fazer um pedido exagerado, exigindo muito dinheiro, embora estivesse saturado de desejo de conhecer a Europa. Achei que deveria pedir pouco.

**\* Dinheiro, para quê?**

Pedir esse dinheiro para quê? Eu não queria ter preocupações profissionais, para me dedicar ao apostolado o tempo inteiro. Era um corolário, uma consequência, da consagração da minha vida ao apostolado não ter preocupações materiais, para me dedicar inteiramente ao apostolado.

Quanto aos 400 contos, ainda estou esperando... Não chegaram. Mas, o livro, pouco depois, encontrei-o. Com efeito, fui à livraria dos padres do Coração de Maria, que era mais ou menos onde está agora, e entrei para ver se aparecia algum livro.

Encontrei um livrinho, impresso de um modo muito agradável, em preto e vermelho, com umas marcações, de um autor de quem eu nunca tinha ouvido falar. O livro era em francês e seu autor “Bienhereux L. M. Grignon de Montfort”.

**\* Na hesitação, guiado pela mão de Santa Teresinha...**

Um bem-aventurado... Mas, o que dirá esse livro? “Traité de la Dévotion à la Sainte Vierge”. Quem sabe se não é o livro suscitado por Santa Teresinha? Pus de lado, e fui examinar outros livros, para ver se mais algum me interessava. E apareceu um, de que já nem me lembro qual é, do qual eu também não tinha ouvido falar — lembrem-se que eu era muito moço então; tinha vinte ou vinte e um anos e não conhecia de nome senão um número limitado de autores — e fiquei, assim, na dúvida qual dos dois levar. Na incerteza da escolha, folheei um pouco o Tratado, achando-o muito bem impresso, muito atraente, muito agradável de ler. E o outro livro, um calhamaço feio e indigesto. Enfim, por esta simples razão — pensava eu e não percebia que Santa Teresinha estava guiando o meu braço — optei pelo Tratado da Verdadeira Devoção à Santa Virgem.

**\* Dificuldade com livros de piedade açucarada**

Eu tinha muita dificuldade em ajustar-me a um certo tipo de livros de piedade, que havia naquele tempo — em português certamente, mas também em francês e alemão, e em geral em todos os idiomas que conhecia —, muito açucarados: “Ó canidada santinha, disse-me, oh...” Coisas assim que não vão comigo.

Eu queria um livro sério, substancial, em que o sentimento tivesse sua parte. A parte secundária que o sentimento deve ter nas coisas. A parte primária é a fé

iluminando a razão. Já que vou ler sobre Nossa Senhora, que quero saber o que a Igreja ensina sobre Nossa Senhora: ponto um, ponto dois, ponto três... Em segundo lugar, daí se deduz tal coisa, tal outra e mais outra... Então, eu li um livro razoável, racional, impregnado de sobrenatural, porque todo baseado na Fé. Este é um livro que quero ler!

**\* Um certo modo peculiar de perscrutar os livros**

Lembro-me que cheguei a casa, e, naquele dia ou no seguinte, eu abri o livro. Não com muita esperança, porque não estava tão certo de que aquilo fosse obtido por minha oração a Santa Teresinha. Achava, pelo contrário, que os 400 contos, eram muito mais importantes do que o livro. Se não tinham vindo, será que o livro teria sido mandado por ela? Não sei...

De outro lado, eu não tinha idéia que um livro pudesse exercer sobre mim o efeito que exerceu esse. Não pensei que um livro pudesse exercer sobre ninguém o efeito que aquele livro exerceu sobre mim. Quando comecei a folheá-lo, fi-lo por qualquer ponto. Eu tenho muito essa propensão: abrir o livro em qualquer lugar, do meio para o fim. Depois, leio o princípio. Parece-me que pego melhor o que o autor queria embaralhando as cartas dele, para atinar com a sua intenção. Embora ele fosse um bem-aventurado — portanto gozando da visão beatífica — eu achava que o livro ficava bem mais interessante quando havia alguma coisa para adivinhar, ao lê-lo. Não é só o que o autor diz, mas adivinham-se coisas.

Então, lendo-o do meio para o fim, adivinha-se como é o começo. Depois vai-se ver se, de fato, o início corresponde ao que se imaginava. Tem um certo sabor de coisa nova que me agradou sempre muito fazer.

**\* Este é livro de alto quilate**

Eu abri, assim, o livro de qualquer lado, e comecei a lê-lo. Quando tinha lido uma ou duas páginas, eu disse: “Não. Isto aqui é outra coisa. Esse livro não se pode ler assim. Tem que ser lido do começo, porque é coisa de alto quilate! É absolutamente o que eu queria!”

O livro tinha para mim uma atração pequena complementar: era escrito em francês. Os senhores sabem o que isso significa para mim...

Aí comecei a ler. E vi que era um portento de livro, porque era baseado no que há de melhor em matéria de Teologia, aprofundando a doutrina sobre Nossa Senhora, largamente, largamente e com altas vistas, de maneira a se ter bem uma noção de Nossa Senhora no plano da Providência Divina. O que Deus teve em vista criando Nossa Senhora, o papel de Sua santidade e de Sua perfeição de alma em toda a Criação. Depois, na vida de Nosso Senhor Jesus Cristo e no plano da Redenção. No Colégio Apostólico, na Santa Igreja, por todos os séculos... Fui lendo o livro cada vez mais

**\* O Reino de Maria era a meta para onde minha alma  
20voava!**

Em certo momento, começo a ver que o livro tem uma labaredas a respeito de um assunto que eu nunca tinha ouvido ninguém tratar e que a mim me interessava no mais alto grau. Primeiro, falar do Reino de Maria. Eu percebi, logo que o li, que esse Reino de Maria era a meta para onde a minha alma voava! Eu inteiro voava para essa meta! Era bem exatamente o que queria, estritamente. De um lado.

Depois, o livro falava a respeito de como as almas seriam no Reino de Maria: auge da santidade nesse reino... Eu fiquei encantadíssimo! Desenvolvia ainda a necessidade da Sagrada Escravidão a Nossa Senhora para agradar-Lhe a para se dar tudo quanto se poderia ter dado.

**\* A palavra escravidão chocou-me um pouco... Mas, com  
Nossa Senhora, topo qualquer parada!**

Eu lembro-me que a palavra escravidão, no começo, chocou-me um pouco.

Como escravidão? Que negócio é esse? Para Nossa Senhora... o que Ela quiser! É uma honra para mim! Mas, afinal, escravidão... Escravo, aqui? Que arranjo esse aí, hem? Mas, não há mal! Sendo com Ela, eu topo qualquer parada! O que Ela quiser!

Depois, esse grande santo, essa alma de fogo! Esse espírito lógico, esse homem inteligentíssimo! Sobretudo um homem de uma vontade de uma labareda de energia, como não tinha visto ninguém! Eu disse: “Eu vou! Sobretudo, com Nossa Senhoras, mas também com ele. Vou até onde forem! Está liquidado o caso!”

**\* Minha alma saiu guarneçada de uma porção de idéias,  
de doutrinas**

Minha alma saiu dessa leitura guarneçada por uma porção de idéias de noções, de doutrinas, etc., que seria um não mais acabar, se as fosse contar aqui. Dessas noções, a primeira era: a misericórdia completa d'Ela, e, portanto, da confiança sem limites que n'Ela se deveria ter. Em segundo lugar, do amor materno d'Ela para todos, e, logo, também, para mim. Individualmente, para mim. Ela conheceu-me como a qualquer homem que anda pela rua, e soube por participação profética dos homens que viriam; amou-os a todos; quis salvá-los a todos e ofereceu-se por todos. Depois, co-Redentora do gênero humano! Uma coisa extraordinária... Tanta coisa, que nem sei dizer...

Depois, a idéia do Reino de Maria, a idéia dos combatentes que deveriam vir para implantar esse reino; como seriam esses combatentes e como seria esse reino. Ainda uma olhada profética para o fim do mundo: último

**\* Terminada a leitura, não tive vacilação: Vou-me  
consagrar como escravo de Nossa Senhora**

Terminado o livro, não tive um minuto de vacilação, disse: “Eu vou-me consagrar como escravo de Nossa Senhora!” Abri na parte que tinha as orações. São trinta e três dias — 12 dias e mais três semanas — de longa preparação. Nos primeiros doze dias deve-se rezar o *Veni, Creator Spiritus* e o *Ave, Maris Stella*. No final das três semanas, o Ato de Consagração. Exatamente no dia em que essa preparação estava pronta, eu ajoelhei-me, no meu escritório, rezei mais uma vez o *Veni, Creator* e o *Ave, Maris Stella*, e, por fim, o Ato de Consagração, tornando-me escravo de Nossa Senhora.

**\* Tomei uma deliberação: qualquer coisa que faça é  
sempre por intermédio de Nossa Senhora**

Daí tomei a deliberação de nunca fazer a Nosso Senhor Jesus Cristo uma oração, qualquer tema, matéria ou coisa que fosse, que não fosse por intermédio d'Ela. Permanece até hoje essa resolução.

Na Comunhão, por exemplo, quando tão delicadamente o nosso cântico canta e nosso harmônio toca o *Anima Christi, santifica me* — oração ardente composta por Santo Inácio de Loyola e borbulhando de amor a Nosso Senhor Jesus Cristo; e toca porque eu gosto muito daquela oração e da partitura em que se toca — eu rezo cada um daqueles pedidos — Alma de Cristo, santificai-me; Corpo de Cristo, salvai-me, Sangue de Cristo, inebriai-me... —, em todas as comunhões que faço, por meio d'Ela.

**\* “Dignare, Domina, die iste sine peccato nos custodire”**

Venho tomando o hábito de, quando me lembro, ao tocar o relógio meia-noite na minha presença, fazer uma jaculatória que é tirada do *Te Deum* e que diz: *Dignare, Domine, die iste sine peccato nos custodire*. Dignai-Vos, Senhor, proteger-nos de maneira que neste dia que começa nós passemos sem pecado. A oração é feita a Deus, mas eu eu rezo-a por meio de Nossa Senhora. Pedindo-Lhe que reze por mim, porque sei que a minha oração — como aliás a de qualquer pessoa ainda que incomparavelmente superior em valor moral — não chega a Deus se não houver a intenção, pelo menos implícita, de a fazer por meio de Nossa Senhora. Se é assim, mais vale a pena ser explicitamente. Todas as vezes ponho-me diante de Nossa Senhora e peço-Lhe que reze por mim, e eu rezo por meio d'Ela essa oração.

Este foi, como disse, o livro que mais efeito teve sobre mim na minha vida.

**\* “A Alma de todo o Apostolado”, de D. Chautard outro livro de grande efeito sobre mim**

Li, entretanto, também, um outro livro que teve sobre mim um efeito muito grande: “A Alma de todo o apostolado”, de D. Chautard.

Este foi um monge trapista, francês, cuja biografia eu li há pouco tempo atrás — eu não o conhecia, sabia apenas que ele era um trapista, e que tinha sido eleito abade da Trapa.

Ele nasceu numa zona montanhosa da França, numa dessas pequenas aldeias encarrapitadas no monte. Desde muito cedo sentiu um vocação para ser trapista. Teve que combater contra o pai, que não queria que ele fosse; a mãe queria... O pai proibiu-o. Foi, assim, proibido durante muito tempo... Mas, perseverou e conseguiu, finalmente, entrar para a Trapa. Ali foi um monge modelar. Chegou a estar aqui no Brasil.

**\* Um velho conhecido anti-liberal esteve com D. Chautard, que rezou missa em sua casa**

Eu conhecia um velho católico, muito mais velho do que eu, que ainda tinha conhecido os tempos da monarquia, católico de direita — na força do termo — que tinha sido por causa disso muito e muito perseguido na vida dele. Era um homem que tinha empobrecido e envelhecido prematuramente, calcado aos pés pelos infortúnios da vida, mas conservando muita piedade, e, ao mesmo tempo, muito fogo contra-revolucionário. Eu relacionei-me com ele.

**\* D. Chautard tenta fundar uma trapa no Tremembé**

Contou-me ele que D. Chautard tinha estado no Brasil para fundar uma trapa. Fundou-a aqui perto de uma localidade junto à Via Dutra, da qual alguns dos senhores terão ouvido falar, e que se chama Tremembé. O lugar é muito bonito, porque é a zona dos arrozais do Vale do Paraíba. As plantações de arroz — creio que os senhores já as viram — chegam a esta altura assim [faz um gesto com a mão]. Em geral, dão em terreno pantanoso. Crescem como uma espécie de ervas grandes, na ponta das quais se formam uma cachozinhos de grãos de arroz. Enchem extensões enormes. Fica bonito ver todas aquelas extensões com arrozais, e, ao fundo, a Serra da Mantiqueira, com aquela interminável sucessão de cordinheiras, que a distância torna meio azuladas. Tudo se faz muito agradável de ver.

As montanhas, ou se vê de cima, ou vê-las de longe. Estar perto delas não é muito do meu gosto. Eu tenho a impressão de que elas se acachapam. Mas, vê-las aos pés da gente, é bom. Ou vê-las ao longe quando constituem um fundo de quadro harmonioso. Quando ficam azuladas pelas distância, em nosso País onde nunca ficam branqueadas pela

neve, é muito agradável vê-las. O Vale do Paraíba é assim.

Nesse lugar, D. Chautard fundou sua trapa. Esteve bastante tempo aqui, dirigindo-a. Ele conheceu esse senhor aqui em São Paulo. Para fundar a trapa, teve que passar por aqui para conhecer gente, travar relações que a apoiassem e esteve com esse senhor meu conhecido. Este homem, que era um anti-liberal de primeira força, abriu-lhe a alma a respeito de queixas e dores que tinha sobre a orientação liberal — quão moderada! — dos bispos daquele tempo.

Contou-me que disse o que queria, certo de que D. Chautard romperia com ele. Terminada toda a narração, aquele abade disse-lhe o seguinte, que meu amigo gostava de citar em francês: “*Demain, je célébrerai la Messe chez Vous*”. Amanhã eu vou celebrar a Missa em sua casa. Era uma grande honra que ele lhe fazia. De fato, celebrou a Missa e depois foi para essa trapa.

**\* A única fundação de D. Chautard que não vingou**

Nós devemos dizer com vergonha e com tristeza duas coisas:

Em primeiro lugar, foi talvez a única fundação de Chautard que não pegou. O Brasil rejeitou a trapa fundada por esse homem, que, a meu ver, vai ser canonizado pela Igreja.

Por quê? Porque não houve vocações. Por mais que trabalhassem, falassem, etc., não houve vocações. Em segundo lugar, outra tristeza: os trapistas venderam. Tiveram que passar para França junto com D. Chautard e venderam a trapa. Era uma exploração agrícola, com a forma de convento. Venderam-na assim.

**\* A trapa passou a mãos fassuras: Pensei em comprá-la**

Passou para as mãos de outros proprietários. Um deles transformou a trapa num lugar suspeito, onde se faziam danças e danças fassuras, no próprio claustro da trapa. Eu não tenho que dizer aos senhores a indignação e a tristeza que um fato desses me causava. É absolutamente evidente. Se pudesse, pudesse tomaria um chicote, como fez Nosso Senhor Jesus Cristo no Templo, e resolveria a situação, diretamente e sem mais perda de tempo, nem explicar nada. “Cachorrada, ponha-se fora!”

Houve tempo em que eu sonhei que, talvez, o Grupo pudesse comprar a trapa. A nossa situação econômica estava mais folgada. Sobretudo a Construtora Adolpho Lindenberg de uma generosidade ilimitada dava-nos o dinheiro que quiséssemos. Eu pensei, assim, comprar a trapa. Quem sabe fazer ali uma casa de repouso para a TFP e restauramos ali o culto, etc., e a memória do grande D. Chautard. Eu tenho a certeza de que os senhores gostariam muito de estar lá dentro.

Estava na mão de multimilionários que faziam dela

uma fazenda de repouso, que não queriam vender de nenhum modo. De maneira que nem tratei com eles. Estava acabado.

**\* Força de alma de D. Chautard: hipnotiza um leão no Vietnam**

Para se ter uma idéia da força de alma de D. Chautard, tinha um dom hipnótico curioso. Ele hipnotizava as pessoas. Ele era um homem humilde que não se gabava das coisas.

O Vietnam era naquele tempo uma colônia francesa onde se praticava á vontade a religião católica. Talvez os frutos mais preciosos das missões católicas fora do continente americano tenham sido o Vietnam e as Filipinas. No Vietnam, apesar de ser povo de origem budista e meio bramanico, de raça amarela, etc., a religião católica pegou lá profundamente. Sabem que até hoje é uma nação martir do comunismo e profundamente católica.

D. Chautard estava lá numa encruzilhada de trens, esperando a hora de chegar o seu. Numa jaula havia um leão. Então, estando com um companheiro, para se distrair um pouquinho, disse-lhe: “V. quer ver esse leão mudar de procedimento?” O animal estava rugindo e pintando o caneco dentro da jaula. Começou ele a olhar para o leão... Dali a pouco, o leão estava hipnotizado por D. Chautard. O bicho ficou com um certo torpor... e daí a pouco mansinho.

Os senhores podem imaginar a força que deve ter um homem para hipnotizar um leão. Indica aos senhores o valor dele.

**\* Tigre x tigre: D.Chautard x Clemenceau**

Antes da I Guerra Mundial ter rebentado, houve uma lei de perseguição religiosa na França. Segundo essa lei, a trapa devia ser muito seriamente prejudicada, ou talvez até fechada... (Uma hora já!...) D. Chautard foi falar com um homem que era chamado *le tigre*: Jacques Clemenceau. Era o chefe do governo francês, conhecido como uma fera, e quem estava movendo a perseguição religiosa.

D. Chautard entrou. Foi recebido com prevenção por Clemenceau, bruscamente e de um modo rabugento. Sentaram-se. O religioso começou a expor o que queria. O ranzinza começou a dardejar objeções contra. D. Chautard, pacientemente, foi respondendo a uma por uma, com segurança. Tigre contra tigre! Eles pegaram-se. Terminada a conversa, ele disse a D. Chautard:

- “Devo dizer-lhe que não pensei que um trapista fosse assim. Ser como o senhor, é ser verdadeiramente homem! Eu peço-lhe, D. Chautard, que me inscreva na lista de seus amigos. E qualquer coisa que precise de mim, a qualquer momento, conte comigo. Clemenceau, o anticlerical é seu amigo!”

**\* A grande onda de modernização do começo do século XX**

D. Chautard viveu sob o pontificado de S. Pio X, em que a modernização da vida estava começando a dar seu grande. Quer dizer, uma porção de invenções recentes tinham entrado e transformado o aspecto da vida. Trens, locomotivas... Já se começava a falar de avião. A luz elétrica em todas as casas. A mudança da noite para o dia, em muitas cidades como Paris e outras grande capitais. Falava-se de automóvel, também. De bicicleta... Moto, creio que ainda não. Havia um enebriamento com o progresso, tido como o contrário daquele Igreja que lhes parecia tradicional, lenta, imóvel, com seus dogmas, com seus princípios de moral imutáveis, etc., e coberta com a poeira do passado. Portanto, um tanto negligenciada por todos aqueles que estivesse embriagados pelo entusiasmo com a modernidade.

Não sei se está bem explicado esse negócio.

Isso ocasionava um grande número de apostasias. Os jovens, por exemplo, não se interessavam pela religião. Em massa, iam apostatando. E se os homens apostatavam em massa, o futuro já não era mais da França católica. Os jovens são o futuro.

**\* Fundam-se obras de apostolado e pias**

Então, um bom número de padres zelosos começaram a fundar obras de apostolado. Eram lugares onde os jovens podiam passar o dia inteiro sem imoralidade. Havia lugares para se distrair, com fanfarra, etc. Chamavam-se a isso obras católicas ou obras pias. Havia alguma coisa para beber e comer. Realizavam-se jogos, etc. E, assim, variava ao infinito. Bibliotecas públicas católicas, que não tinham maus autores, só bons e onde um rapaz pudesse, durante a semana, nas horas vagas, ir lá ler bons livros. Publicação de obras refutando as doutrinas erradas daquele tempo, contando vidas de santos, espalhando a doutrina católica. Sobretudo, se insistia muito sobre o ensino do Catecismo. Catecismo para crianças, adolescentes, adultos, variados segundo o caso. O empenho que a Igreja deitava no ensinamento no Catecismo era tão grande que o Papa S. Pio X, embora com as ocupações transcendentais de um Papa, todos os domingos, em Roma dava uma aula de Catecismo, dentro o Vaticano, no pátio de S. Dâmaso (pátio interno do Vaticano), para estimular os Vigários a dar aulas de catecismo e formar no conhecimento da doutrina católica os jovens.

**\* S. Pio X dando aula de Catecismo**

Eu vi fotografias dessas aulas de Catecismo:

Um estrado grande, bem alto, onde se colocava uma poltrona, um trono, para o Papa. Do lado esquerdo e direito, altas autoridades eclesiásticas, cardeais, assistindo. E vinha,

todos os domingos, de Roma, uma paróquia com o padre na frente e tocando música. Do ponto distante onde se localizava, percorria a pé toda a cidade, para estar no Vaticano á hora certa. Ia ver o grande Pio X — ainda não era chamado santo, mas já o tinham em conta de tal — que ia dar uma aula de Catecismo.

A fotografia que eu vi, apanhava-o no momento em que ele lecionava Catecismo: uma estatura grande, porque era um homem alto, corpulento, muito digno e com um olhar de fogo. Um jornalista francês disse dele que se assemelhava a um Querubim com a espada de fogo na entrada do Paraíso. Se não me engano até de pé, todo vestido de branco, como se vestem os papas, e dando uma aula de catecismo para todos os baminos, encantados, como podem imaginar.

Terminada a aula, rezavam todos juntos. O Papa dava a benção e saía. A paróquia voltava, geralmente por outro caminho, mas com o estandarte próprio, para que todos os que os vissem soubessem que aquela paróquia tinha recebido uma aula de Catecismo do Papa, em pessoa. Era um empenho muito grande que havia nisso.

O número de obras assim que se fizeram foi colossal.

#### \* Não basta evitar o mal, é preciso conquistar 20almas

Ora, acontece que essas obras evitaram muito mal. Que bem produziram? Não basta evitar o mal. É preciso produzir o bem. Muitos foram retirados das garras do mal. Eram bons a quem se deu a facilidade de não se deixar devorar pelo mal. Mas isso só não basta. É preciso conquistar os outros. Conquistas pouquíssimas! De maneira que era um esforço colossal, com um resultado pequeno.

Daí novos esforços: fundar jornais católicos, comprar tipografias católicas, fundar revistas; clubes esportivos católicos... Toda a espécie de coisa para atrair a juventude. Eu volto a dizer: evitava que um certo número caísse no pecado. Uma coisa muito preciosa, mas não se pode querer só isso.

#### \* O apostolado não pode ser feito sem alma; Qual é a alma de todo o apostolado?

Então, D. Chautard, um profundo observador das coisas, meteu o dedo no ponto e escreveu o livro: “Alma de todo o apostolado”. No título se subentende uma coisa importante: há apostolado sem alma. Se há alma de todo o apostolado, este pode ser feito com alma ou sem alma. Qual é a alma de todo o apostolado?

Era evidente de que era uma afirmação de que aqueles apostolado estéreis eram apostolados que não alcançavam fruto, porque não tinham alma. Qual é a alma do apostolado? Tudo estava realizado para alcançar êxito. A Igreja era rica: tinha meios para comprar o que fosse necessário, tinha tudo! Entretanto, não conseguia senão muito pouca coisa. Qual era

a origem disso?

#### \* O prestígio no apostolado é para conquistar almas para o Reino de Maria: O que não for isso, é vaidade

A pergunta, a mim, interessava-me enormemente. Desejando fazer a Contra-Revolução, obra eminentemente de apostolado, queria conquistar para os seus ideais os jovens de meu tempo, que eram como eu, alguns um pouco mais velhos, outros um pouco mais moços. Era a eles que que queria conquistar. Eu via a relativa inutilidade dos esforços que se faziam em torno de mim e os meus próprios esforços para isso.

Eu fundei uma Ação Universitária Católica na Faculdade de Direito. À força de tino político, a AUC teve uma projeção. Chegou a ser uma potência na Faculdade. Mas o número de estudantes que converteu era muito pequeno, muito menor do que eu queria. Ela conseguiu uma posição de força e de prestígio, mas se isto não rende conquista, psst! o prestígio que vá ás favas. O que se quer é conquistar as almas ao demônio, para implantar o Reino de Maria. Se o prestígio não é um elemento para isso, não interessa, é vaidade. Não é outra coisa.

#### \* A graça é a alma de todo o apostolado; Então, qual era a alma de todo o apostolado?

D. Chautard dá muito bem a tese que, para mim, era completamente nova: o homem concebido no pecado original não tem força para cumprir, na totalidade e habitualmente, os dez Mandamentos da Lei de Deus. De maneira que o homem pode, durante a sua vida inteira, praticar uns tantos Mandamentos. Todos, não. E se não praticar todos, ele vai para o Inferno.

Qual é o remédio? O remédio é a graça.

#### \* O que é a graça?

O que vem a ser a graça? É um dom de Deus, criado por Ele, que é uma participação criada da Sua própria vida incriada. A vida de Deus não é criada, porque Ele é eterno, existiu desde todo o sempre. É uma vida de uma densidade e de uma intensidade infinitamente superior á nossa. Na melhor das hipóteses, seremos sábios, bons, isto e aquilo. Deus não é sábio nem bom, Deus é infinitamente Sábio — assim se diz.

Está muito bem, mas não é tudo: Deus é a Sabedoria, Deus é a Bondade, Deus é a Fortaleza, este é Deus! Então, é a própria Bondade e a própria Sabedoria subsistente e eterna, de uma natureza infinitamente superior á minha, porque não foi criado e criou-me a mim, é a própria vida d'Ele que, por meio desse dom, eu participo.

Então, Deus vem habitar em mim, não á maneira eucarística, mas á maneira de um dom que Ele põe na minha

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 13 de 54  
alma, pelo qual esta vive da vida d'Ele.

**\* A substância do apostolado é o homem que possua o estado superabundante da graça**

D. Chautard mostrava que a substância do apostolado é que um homem possua em si essa graça de Deus e a transmita aos outros. Tratando com um homem que tenha a vida da graça — se ele a tiver intensa e abundantemente — ainda que sem querer, a ação de Deus se faz sentir através dele sobre aqueles a quem Ele quer conquistar. E produz na alma dos outros o efeito que produz na alma daquele. De maneira que o apostolado é fecundo quando o apóstolo tem muita participação na graça de Deus. O apostolado é estéril quando o apostolado tem uma pífia proporção na participação na graça de Deus.

Não basta viver em estado de graça. Este salva o homem que se encontra nesse estado, mas não basta. A coisa é outra: é preciso que o tenha superabundantemente, para que jorre para outros. Isso é que é preciso. Ter uma vida da graça intensa.

Ele dá casos e explica fatos que já tinham entrado na minha observação, mas para os quais não tinha explicação.

**\* O princípio de vida interior tirada da experiência de D. Chautard**

Conta um fato. Foi-lhe mostrado uma espécie de club católico para moços, com umas instalações excelentes. Havia uma fanfarra comprada com aparelhos muito bons, guardados em estojos ótimos. O padre diretor disse a D. Chautard: “Veja, estou aqui desolado. É domingo. Está aberto para entrar o jovem que queira. Está inteiramente vazio. Ninguém vem, porque o fato de ser católica repele, as pessoas não entram. E não tenho solução para o caso.”

Depois andou de um lado para outro, e foi ter a um estabelecimento que era do mesmo gênero, mas pobre. Atravessa com o padre o pátio. Diz-lhe o padre: “Vou mostrar ao Sr. uma coisa muito pobre, mas, afinal, é o que tenho”. Andando, vêem um grupo grande de rapazes marchando ao som de uma fanfarra. Esta era feita com instrumentos meio fabricados por eles, a coisa mais ordinária que imaginar se possa. O pessoal marchando com uma animação enorme, às vezes brincando, às vezes fazendo sério, e passando a tarde inteira com aquilo.

Comparando um padre-diretor com outro, notou que o primeiro era um padre correto: zero como fruto de apostolado. O segundo, era de alta virtude: a graça atraía. Um que não conseguia nada com todo o seu dinheiro. E outro que não tinha senão uma insignificância de dinheiro, mas conseguia tudo no apostolado, porque a graça de Deus habitava nele.

Estendia a teoria aos oradores sacros, às pessoas que

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 14 de 54

fazem conferências e a outras que não atraíam ninguém, não empolgavam ninguém, etc. O conjunto dos ouvintes é em geral de um grau inferior àquele que fala, ou o pastor costuma ser de um grau superior às ovelhas, de maneira que quase sempre se verifica a seguinte regra: a um vigário santo corresponde um público fervoroso; a um padre fervoroso, porém não santo, corresponde uma paróquia boa; a um padre bom, mas não fervoroso corresponde uma paróquia insuficiente; a uma padre apenas em estado de graça e nada mais, corresponde uma paróquia em estado miserável.

**\* Ou procuro santificar-me ou sou um palhaço**

Isso vem demonstrado com uma opulência de argumentos perfeita. Eu pus-me diante do problema: o que ele diz para o padre é perfeito. Mas todas essas razões valem para o apóstolo leigo também. Ou eu procuro santificar-me ou eu sou um palhaço. Porque levar uma vida de nhonho, gostosinha, agradávelzinha, não sofrer nem nada, e pensar que eu consigo fazer no mundo as transformações que eu quero, é um sonho. Eu levo uma vida de bôbo. Não consigo nada, porque não tenho o grau de fervor necessário. Eu tenho que aspirar à santidade e não outra coisa.

**\* A virtude da humildade, além da pureza outra chave do sucesso na vida interior**

Mas, D. Chautard punha, entre outras coisas para a santidade, evidentemente, a pureza, mas também uma virtude em relação à qual eu tinha uma incompreensão muito grande: a humildade.

Eu sabia e sei que é uma virtude cristã. Lia no Evangelho que Nosso Senhor Jesus Cristo tinha sido infinitamente humilde, toda a vida d'Ele faz notar isso de um modo absoluto, mas o fato concreto era que as pessoas que me eram apontadas como humildes eram caricaturas da humildade. Diziam-me que aqueles eram humildes mesmo. (...)

É fundamentalmente a virtude pela qual não procuramos atribuir a nós aquilo que pertence a Deus. Portanto, se as nossas conversões são feitas — quer dizer, convertemos gente — devemos entender que foi Deus presente em nós que fez, e não nós. Um homem pode ser um ótimo pregador, um ótimo orador, um ótimo o que queiram, não converteria ninguém. Ele só converte ou eleva ainda mais em virtude outrém, desde que ele reconheça que é Deus presente nele que faz isso. O resto não adianta nada.

Em segundo lugar deve ser humilde em relação àquele que tem o direito de mandar nele. Deve gostar de obedecer, com respeito e amor, com submissão, com todo o gosto. Mas não deve ser humilde sujeitando-se às imposições do vício, do crime, permitindo que o adversário insolente da Igreja o insulte, e à Igreja, sem que ele tenha um surto de indignação,

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 15 de 54  
etc. Isso não vai.

**\* Sem o livro de D. Chautard, eu teria perdido a minha alma, quando fui eleito deputado**

O livro de D. Chautard, menos que o livro de S. Luis Grignon, mas, enfim... Menos porque ele é menos: sustenta um ponto muito importante, mas não tem a importância da devoção a Nossa Senhora. O livro de D. Chautard também me calou a fundo. E sem ele, eu teria simplesmente perdido a minha alma, quando eu fui eleito deputado.

Por que razão? Para um jovem de vinte e quatro anos, o deputado mais votado e o mais moço do Brasil, para o qual todos os olhos convergiam naquele momento, em todos os meios católicos do País, o instinto humano leva um indivíduo a ficar vaidoso. Leva a começar a pensar em idiotices: “Que colosso eu sou; Como eu moço, assim, já consegui impor-me a tantos milhares de eleitores...” Começar a contemplar-me a mim mesmo, ao meu intelecto... e outras coisas.

Resultado: viria o embriagamento de mim para comigo. Na hora em que ficasse posto diante da alternativa: apostatar ou renunciar a ser reeleito, aí teria optado pela apostasia. Foi o livro de D. Chautard que me auxiliou.

**\* Episódio da apresentação de continência pela tropa em parada aos deputados da Constituinte**

Eu já contei um episódio, que vou contar agora e com o qual terminou a reunião:

Num dia de solenidade na Constituinte, os deputados iam chegando de automóvel... Ao longo de uma das ruas transversais da Av. Rio Branco — suponho que seja a do Ouvidor —, quando os nossos automóveis iam entrando — os deputados paulistas de fraque e cartola; eu também trajado assim sozinho no automóvel — nela, eu não sei como — talvez por ir de cartola, mas outras autoridades também iam — o oficial que comandava a tropa deu ordem de prestar continência, no momento em que eu entrava.

Então, aquela tropa até o fim da rua apresentou armas. Meu automóvel passou devagar diante daquela tropa em continência... Eu tive uma tendência a embriagar-me com aquilo, porque sempre fui muito sensível a honras militares, durante toda a minha vida, como sendo as honras que mais faziam sentir a grandeza de um homem. Vendo aquilo, eu seria levado a achar uma delícia ver-me objeto daquelas honras... A graça despertou na minha alma a idéia: E o D. Chautard?

Reprimir imediatamente esse movimento, não olhar para a tropa que me está apresentando armas, pedir o auxílio de Nossa Senhora e fazer o propósito de renunciar a tudo isto, desde que seja necessário para a causa católica.

Eu creio que neste auditório mesmo, há muito jovem que posto em condições idênticas, se não tivesse lido “A

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 16 de 54  
Alma de todo o Apostolado” estaria num risco grave.

Então, eu conto este pequeno episódio para compreenderem como se deve ser meticoloso nisso e nunca consentir num movimento de vaidade. Nunca! Por menor que seja: “Não, não e não!”

Ao cabo de uma conferência, discurso ou qualquer coisa, pouco importa, envaidecer: “Não!” Digam o que quiserem de elogios, batam as palmas que entenderem, não se presta atenção nelas e sai naturalmente. Não com aquela cara de humildade besta, mas tal como é: naturalmente humilde, mas com muito mais medo de ficar orgulhoso do que ficar humilde besta. Porque este ainda tem suas atenuantes e pode ir para o Céu. Um orgulhoso não vai.

**\* Ponta de trilho para a próxima reunião**

Esse foi o D. Chautard. Eu li esses dois livros que foram fundamentais. Havia um terceiro, qual era João?

(Sr. JC: Talvez se ligue com a novena que começa hoje, a de Mater Boni Consilii: o Livro da Confiança.)

Ah! O livro da Confiança! Deixamos este, já deixo registrado, e eu queria dizer alguma coisa a respeito das Confissões de Santo Agostinho e de um livro de Direito Natural de um autor italiano do século passado chamado Taparélio D’Azélio. Eu gostei enormemente deste livro, e preciso explicar alguma coisa a respeito dele.

O livro do Mons. Delassus “Conjuration anticrétienne” também faz parte do conjunto de livros que li naquele tempo. Foram livros todos providenciais, mas falarei muito mais rapidamente sobre eles. Eu me estenderei mais sobre o Livro da Confiança. Depois retomaremos o fio das coisas de minha vida.

Meus caros, acabou. Vamos andando...

***Conversa da Noite — 22/01/83 — Sábado***

Eu lucrei muito com a leitura de D. Chautard, “A Alma de Todo Apostolado”, porque ele coloca de frente problema: “Quem for orgulhoso, faz apostolado para sobressair. Este não faz o apostolado por amor de Deus e Deus não dá graça ao apóstolo que põe orgulho no seu apostolado. Pode desistir, não tem. Ele pode ser o homem mais inteligente, mais isso, mais aquilo do mundo, a oração não se difunde por meio dele e o apostolado dele é inútil”.

E eu me lembro ler aquilo e dizer: “Bem, é isso, ou eu renuncio a qualquer resquício de orgulho, ou eu sou um palhaço, porque eu quero fazer apostolado de todo o jeito e estou vendo que não conseguirei nada. Seria uma besta quadrada. E, portanto, eu raspo esse orgulho completamente, ou... etc.”

E, empreendi o apostolado contra o orgulho, uma luta contra o orgulho, numa época bem oportuna, porque, pouco depois de eu ter conseguido arvorar a bandeira da humildade,



eu fui eleito deputado. E aí a batalha contra o orgulho se multiplicou por si mesma, porque a tendência a orgulhar-se — não só de uma pessoa orgulhosa como eu, mas de muitos outros — teria sido debandada.

Eu creio já ter contado aqui que, neste sentido, a tentação maior de orgulho que eu tive, foi quando eu fui para assinar a Constituição e a tropa apresentava armas aos deputados que chegavam de automóvel. E isso, de eu passar por uma tropa apresentado armas, eu tive uma tentação de me inebriar com aquilo. Porque o coronel e eu sempre fomos muito sensíveis à glória militar.

Parecia-me a última palavra da glória, um rapaz de 24 anos, que passava pela Rua da Assembléia, mas longa extensão a Rua da Assembléia, entra meu automóvel, eu vejo lá um coronel que grita: “Apresentar armas!” Plam, plam.

Eu ia de táxi porque não tinha automóvel particular. De táxi, ia de fraque, cartola, distintivo de congregado no fraque. E meu *chauffeur* rolando devagarzinho, ele estava inebriado com aquilo. Rolando devagarzinho por aquela tropa toda em continência. E eu “ahhh!”, tenho que fazer um esforço enorme para me conter. Graças à Nossa Senhora me contive e não dei nenhum consentimento.

Mas, se eu não tivesse dado atenção ao D. Chautard, eu estava pronto para todas as concessões ao orgulho. Depois eu não sei que resistência eu teria oposto aos convites para eu pertencer a partidos políticos, etc., etc. Maçonaria eu não teria entrado, se Deus quisesse. Mas, como eu me teria aviltado, eu não sei. Aí está a luta contra o orgulho.

#### *Reunião chilenos — 24/2/89 — 6ª feira - trechos*

#### **\* Cada nação é como um homem, que trava uma luta entre o bem e o mal**

Cada nação é como um homem. A mentalidade de uma nação é coletivamente como a mentalidade de um homem em particular. Quer dizer, um homem tem as suas características, tem as suas qualidades nativas, tem seus defeitos nativos ocasionados pelo Pecado Original, ocasionado pelos pecados que o homem cometeu durante a vida; mas também tem seus atos de virtude, tem seus lados bons, etc. Isso constitui um certo conjunto que trava uma luta do bem contra o mal, da verdade contra o erro, dentro de cada homem.

E a graça atua no homem para que ele desenvolva seus lados melhores e esmague o lado mal. E o demônio atua no sentido contrário.

Agora, dentro dessa luta acontece que o livre arbítrio do homem hesita, e cada homem toma uma atitude diferente: um, uma atitude melhor; outro, uma atitude pior, mas todos tomam uma atitude diferente. E nessa diferença de atitudes acontece o seguinte. É que alguns homens correspondem à graça por meio de uma clara visão de que o que tem de mais

importante na vida é essa luta. E todas as coisas são secundárias na vida, desde que ele ganhe essa luta. Portanto, ficar rico ou ficar pobre, ser bem visto ou não ser bem visto, ser importante ou não ser importante, etc., não tem importância em comparação com essa luta. Essa luta é o grande assunto na vida de um homem. Ele precisa esmagar os seus lados maus e desenvolver os seus lados bons.

#### **\* Mas cada homem, e cada povo, tem seu temperamento**

Agora, o temperamento e o modo de ser de cada povo, do mesmo modo que existe depois individualmente em cada homem, tem nessa luta defeitos e qualidades.

Então, por exemplo, alguns povos são povos muito empreendedores, muito realizadores, por assim dizer muito sanguíneos, lutadores, afirmadores, contestadores, etc., pulam logo para as extremas consequências do que eles têm que achar, do que eles têm que dizer. Um povo assim é o povo espanhol do qual vocês procedem; mas há outros povos que também tem muito disso, o povo português do qual provêm os brasileiros.

#### **\* Temperamento dos povos que não amam a luta: Brasil, Chile...**

Agora, há outros povos que são povos de um temperamento muito mais brando, muito mais suave. E que acham que não vale a pena enfrentar a luta. Que a gente poupa muitos inconvenientes na vida se a gente não enfrenta a luta, e estabelece conciliações. E nessas conciliações, nesses compromissos entre o bem e o mal, a verdade e o erro, o belo e o feio, nesses compromissos ele se iludem achando que eles ganham pelo menos uma parte da vitória. Na realidade eles são enganados pelo demônio e perdem.

Há dois povos na América do Sul que de maneira diferentes têm esse modo: um deles é o povo brasileiro. De um temperamento extremamente suave, extremamente pacífico, extremamente afetivo; pouco amigo de tomar decisões cortantes, de passarem imediatamente para as atitudes categóricas, e conciliador ao máximo. E outro povo... é o povo chileno! Que também não é muito amigo das atitudes cortantes, das atitudes categóricas; que tende a resolver todos os problemas pelas conciliações, pelos meios termos, pelos arranjos, etc.

#### **\* Mas Deus é um Deus ciumento, que quer homens, e povos, de entregas totais**

E tanto o povo brasileiro quanto o povo chileno sofrem os inconvenientes disso. Porque a Escritura diz de Deus que o nosso Deus é um Deus ciumento. Quer inteiro o homem. Deus não é de arranjos nem de compromissos. Ele é de donativos totais! Ele quer a entrega total da alma para Ele. E Ele ameaça: se nós não nos entregamos a Ele e totalmente,

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 19 de 54  
nós nos entregamos ao inimigo dEle totalmente.

E assim como acontece com os meus patrícios brasileiros, acontece com os meus filhos chilenos, que a tendência é para a composição; a tendência para o “teje-maneje”: não pense... espere, vamos arranjar, etc., etc., tudo se arranja, etc., etc.

Na realidade, acontece que Nosso Senhor disse no Evangelho que os filhos das trevas são mais espertos no seu gênero do que os filhos da luz. E que os filhos das trevas nunca são conciliadores. Eles se fazem de conciliadores, como se fossem conciliadores para nos iludir a nós, filhos da luz. Mas conciliadores eles não. Eles são, pelo contrário, falsos e procuram por meio de arranjos nos iludir a nós outros. Mas eles se entregam às trevas completamente, e procuram arrastar-nos às trevas.

#### \* Exemplo, o Brasil hodierno

Vocês têm o exemplo disso, na atual situação do Brasil — eu não vou entrar em pormenores — mas vocês sabem que é uma situação gravíssima. Essa situação se conseguiu em razão de concessões, arranjos: “Não, coitados, vamos confiar, vamos ceder, etc”. Deu na situação em que nós estamos.

(...)

#### \* Um estado de espírito que existe dentro e fora 20da TFP

Agora, esse estado de espírito que existe entre nós, que existe entre vocês, não existe só entre os que estão de fora do Grupo, mas algo desse estado de espírito entra como que nativamente naqueles que estão dentro do Grupo. E a grande dificuldade para um grupo acompanhar a caminhada da TFP, caminhada heróica, de batalha, de luta da TFP, é que estando dentro do Grupo todos tomam a atitude temperamental da TFP, mental e temperamental. Mas quando saem e põem o pé na rua, amolecem em contato com o ambiente. E algo neles vive da índole nacional que nós acabamos de mostrar como é nociva.

Eu estou claro no que estou dizendo? (Claríssimo.)

Então, em vocês, como em nós, existe esse resíduo ruim, que faz parte do nosso lado ruim, e que está sempre em combate com o nosso lado bom. A vocação nos diz: Reaja! Lute! Proteste! O lado mal de cada um de nós: “Não! Não pense! Tolere! Vai tudo tão bem, tudo se resolve, etc.”

#### \* Isso faz uma TFP sem *force de frappe*

*Resultado disso: a TFP fica prejudicada no élan* que ela tem. E em vez de ela ser como uma flecha que é jogada por um braço forte, que puxa a corda e a flecha vai longe; então a flecha tem um grande poder de trânsito, porque quem puxou a corda puxou de fato com vontade de que a flecha depois... Ou a flecha é puxada por um braço mole: então ela

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 20 de 54  
voa um pouquinho e cai no chão.

E o risco para as nossas organizações é de elas serem como flechas que voam pouco. Porque o poder de choque, a *force de frappe*, o poder de impacto das nossas coisas poderia ser muito maior se nós não tivéssemos exatamente essa atitude.

(...)

#### \* Moleza do Senhor Doutor Plínio menino

(Sr. : Se o Sr. pudesse dar um exemplo.)

Um exemplo! Você tem diante de si. Eu fui um menino mais mole que eu conheci em minha vida. O Brasil é um país de imigração muito mais ainda do que o Chile. E, portanto, é muito frequente você encontrar, sobretudo em São Paulo, brasileiros que não têm inteiramente sangue brasileiro. Tem de imigração daqui e de lá. Vocês mesmos, provavelmente vários não são puros chilenos, descendem de espanhóis ou qualquer outro povo.

Mas eu, pelo contrário, sou brasileiro totalmente! Não se pode ser mais brasileiro do que eu sou. Todos os meus antepassados são brasileiros, de origem portuguesa, do meu lado materno um pouquinho de sangue espanhol, no tempo em que os Imperadores da Casa d'Áustria eram reis da Espanha, e eram reis de Portugal e do Brasil também. Nesse tempo vieram uns espanhóis para aqui, um pouco. Mas muito pouca coisa, teve pouca influência. O resto é Portugal velho de guerra! E, portanto, eu tenho totalmente a índole o sangue brasileiro.

Eu era de uma moleza tão espantosa que eu me eduquei, eu não tinha irmãos, eu me eduquei com uma menina que era minha irmã, e outra menina que era uma prima, que morava em nossa casa. Quando eu deixava cair um objeto no chão, elas, as meninas, apanhavam o objeto para mim, que eu tinha preguiça de apanhar. Eu era tão distraído...”ahhhh”, com a cabeça no mundo da lua, sonhando com as coisas, que quando chegava a hora de atravessar a rua, a minha irmã muito viva e muito esperta, me agarrava com as duas mãos, e dizia: “Olha o bonde! — naquele tempo tinha muito bonde em São Paulo —, olha o bonde, olha o bonde!” Porque o bonde estava vindo, eu nem percebia. Se ela não me avisasse eu entrava debaixo do bonde. Ela segurava, e eu pensava: “Como ela é nervosa, que coisa desagradável! Que coisa desagradável. Deixa ela me largar, para eu me ver no mundo da lua”.

Tão, tão distraído que uma vez, andando na rua, bati com a cabeça num poste de luz elétrica! Quer dizer, esse poste estava diante de mim. Estava com a cabeça no mundo da lua! Era uma moleza fenomenal, mas fenomenal! Caudais de moleza!

**\* A luta contra a moleza, para evitar a apostasia**

Bom, mas chegou um momento de minha vida em que Nossa Senhora me fez a graça de perceber que, ou eu lutava como uma fera, ou eu apostatava. Eu apostatava. E que para eu não me tornar revolucionário, e estar numa atitude de tensão com os meus colegas revolucionários, ou eu me transformava num batalhador ou eu engolia a Revolução.

E Ela me tinha dado uma visão muito clara do que era a Revolução, e do que é a Contra-Revolução. E desde pequeno eu tive essa noção. E eu tinha horror à Revolução, e amava muito a Contra-Revolução. E então eu fiquei na alternativa:

“Ou eu dou vigor ao meu temperamento, ou eu me vendo para a Revolução. Isso eu não quero! Então, eu preciso pedir a Nossa Senhora que me dê ajuda; eu tenho esperança que Ela, que é Mãe de misericórdia, tenha pena de mim e me dê uma força que eu não tenho”.

**\* Comecei a rezar a Nossa Senhora para Ela me dar forças**

Comecei a pedir a Ela — que eu não pedia antes; rezava muito pouco, eu tinha Fé, mas não rezava —, comecei a rezar a Ela para me ajudar. E entre várias, várias, várias fraquezas Ela foi me dando uma força crescente, uma força crescente, até eu fazer o que eu tenho feito ao longo de minha vida!

**\* Decisões de povos impetuosos, e decisões de temperamentos calmos**

Agora, com uma vantagem. Eu tenho vários filhos nascidos entre povos muito impetuosos. As deliberações deles são deliberações que duram enquanto dura a cólera. E a cólera de um homem dura mais ou dura menos, mas é como um vento. O vento pode soprar mais tempo, menos tempo, ele acaba baixando.

A cólera de um homem de princípios, calmo, sereno, que tem a serenidade dos moles mas tem a força dos enérgicos, não sai dos gonzos nunca, não recua nunca, não transige nunca, avança sempre; sabe encolher-se na hora necessária, e sabe saltar na hora necessária! Tanto quanto Nossa Senhora o ajuda, Ele tem a inocência da pomba e a astúcia da serpente!

(...)

**\* Relação da fortaleza, com o apostolado**

Bem, e a pergunta de cada um dos meus filhos chilenos — eu os considero meus filhos como os brasileiros, e aos outros — a pergunta é: até que ponto nós temos isso em mira, como o fim de nosso apostolado? A finalidade é um exercício pelo qual nós formamos para nós o temperamento de heróis que nós devemos ser.

Vocês sabem a definição de santidade. Santidade é a prática heróica das três virtudes: Fé, Esperança e Caridade. Três virtudes teológicas. E das quatro virtudes cardeais. Quando a pessoa chega ao heroísmo nisso, tem a santidade. E quem de fato move o mundo, e move as montanhas é a santidade!

**\* “A Alma de todo Apostolado”**

Eu creio que vocês todos, mais ou menos, já leram o livro de D. Chautard, “A Alma de todo Apostolado”, sim ou não?

(Não.)

Como seria bom que lessem a “Alma de todo Apostolado” de D. Chautard. Como seria bom que alguém lhes fizesse uma série de conferências expondo metodicamente a “Alma de todo Apostolado” de D. Chautard. Eu não sei dizer quanto eu devo à leitura desse livro! E quando algum dia, pela misericórdia de Nossa Senhora eu entrar no céu, eu tenho impressão de que uma das primeiras coisas que eu vou procurar com olhar é D. Chautard para agradecer a ele o grande livro que ele escreveu.

São os três livros que mais me fizeram bem na vida foram: Os “Exercícios Espirituais” de Santo Inácio de Loyola; o “Tratado da Verdadeira Devoção”, de São Luiz Maria Grignon de Montfort; e a “Alma de todo Apostolado”, de D. Chautard. São livros incomparáveis.

Bem, na “Alma de todo Apostolado” está tudo isso bem explicado: como é que a gente deve fazer para ter essa força que o D. Chautard tinha!

**\* Dom Chautard e Clemenceau**

Ele era um francês de uma extração popular muito modesta, que desde pequeno foi tocado pela graça de querer ser trapista, teve lutas muito grandes com a família para conseguir entrar para a Trapa. Afinal entrou, e aí começou a batalha interior do trapista, porque a vida do trapista é muito árdua. Ele era um homem de tal força de vontade, de tal energia, que ele tinha até um certo dom hipnótico. E até hipnotizava leões! Bom, hipnotizar uma pomba, vá lá... Hipnotizar um leão, precisa ser um leão! Pois bem, ele levava isso até lá.

Mas isso não era nada. É um dom natural. Ele tinha um dom sobrenatural de um santo. E ele uma vez teve uma conversa com um perseguidor da Igreja na França, e que era chefe do governo, chamava-se Clemenceau. Clemenceau era uma fera, era uma pantera, tinha perseguido, mandado fechar conventos, etc. D. Chautard foi falar com ele uma coisa sobre a Trapa, que ele queria fechar. Tiveram uma discussão sobre a Trapa. Clemenceu pulou em cima dele como um leão. Mas ele encontrou outro leão no caminho! Discutiram, foi assim!

Quando terminou a conversa, o Clemenceau disse a ele: “Sim senhor! Encontrando o Sr., eu encontrei um homem! O Sr. deve ter muitos amigos. Eu lhe peço que inscreva meu nome na lista dos seus amigos.”

Por que? Porque é um homem de muita piedade, muita vida interior, e recebeu essa força, da ação da graça.

#### \* **Relação entre pureza e força**

Isso serve muito para outro ponto. Há uma relação muito grande entre a pureza e a força. O homem puro tem meios de ser forte. O homem impuro no fundo é um sentimental. E como sentimental que ele é, ele pode ser violento. Forte ele não é.

São duas coisas diferentes: violento e forte. O homem forte é aquele que toma uma resolução baseada na razão, com apoio na Fé. Tomada a resolução, segue quaisquer que forem os obstáculos. Isso o homem impuro não é. Ele pode numas horas de impulso fazer loucuras. Mas nas outras horas ele é mole. E por isso os Srs. lêem ao longo da história o domínio das fassuras sobre os imperadores, os reis, os generais mais vitoriosos. De repente encontra uma mulher qualquer, essa mulher domina a ele. Por que? Porque não tinha a alma de um D. Chautard.

#### \* **O sentimentalismo, fonte da moleza**

Para ser verdadeiramente forte, a gente tem que ter vencido interiormente a impureza. E para ter vencido a impureza, é preciso acabar com a fonte de toda moleza, que é o sentimentalismo! E por isso eu digo aos Srs. uma palavra sobre o sentimentalismo.

O sentimentalismo é um defeito da alma pelo qual o indivíduo que ignora o Pecado Original, pensa encontrar em algumas pessoas na vida uma perfeição, uma constituição psicológica e moral, abismaticamente perfeita. Que tem como consequência que essa pessoa perfeita que ele encontra quer bem a ele com um entusiasmo fantástico! E ele se deixa querer bem: “Que coisa boa! Como ela gosta de mim, como ela me compreende, como ela tem pena de mim nas minhas misérias; como ela quer me fazer bem, etc. Ela é toda dedicada para mim! Ela é uma princesa de conto de fada.”

Na realidade a vida não é essa. E o casamento que é um sacramento, e que é um sacramento que dá exatamente a legitimidade à procriação, o casamento não é isso, quando ele é indissolúvel, ele não é isso.

(...)

#### \* **Como o Senhor Doutor Plinio enfrentou quando entrou na Faculdade de Direito**

Tudo isso faz uma vida de dificuldades. E eu não quero fechar os olhos para isso. Eu tive que passar por isso.

Eu me lembro que quando eu tive que me inscrever na

Faculdade de Direito, em São Paulo, eu sentia no ato da inscrição o meu coração bater aqui na garganta. Batia tão forte que batia aqui na garganta, porque tinha medo de me perder na Faculdade. De tal maneira o ambiente era oposto. E senti toda a necessidade de enfrentar, tive que enfrentar, foi uma batalha, uma coisa horrorosa, tudo o mais!

Mas acabou acontecendo que Nossa Senhora me ajudou, eu enfrentei. Mas aí a gente tem que tomar uma resolução. A resolução é a seguinte: não é ir enfrentando aos poucos. É dizer: “Eu resolvi enfrentar, eu vou desmascarar-me para essa gente! E vou mostrar inteiro como eu sou! Porque eu devo me mostrar de uma vez inteiro, e criar um fato consumado, para eu mesmo não poder recuar!”

#### \* **Lutas na entrada na Congregação Mariana**

E eu me lembro que quando eu resolvi ingressar para o movimento católico, eu fazia coisas assim. Havia uma Igreja onde ia boas parte da sociedade que eu frequentava. Eu assistia antes uma missa naquela Igreja na hora em que não ia a sociedade, era uma missa mais popular. Aí eu rezava, comungava, etc., preocupado com o ato de piedade.

Mais tarde era a hora dos elegantes. Então eu ia lá para enfrentar uma batalha. Ia menos para rezar do que para enfrentar. Quando a igreja estava cheia de conhecidos, eu ali no meio deles, cumprimentos e tal. Batia o sino, entrava o padre para a missa, o missal, o coroinha, etc., começava a missa.

Quando começava a missa eu saía do meu lugar e começava a Via Sacra. Rezava a Via Sacra estação por estação, diante de todo aquele pessoal, ficava atônito de ver uma coisa dessas. Porque um moço do meu tempo fazer isso, era uma coisa como se ele andasse com um pedaço da lua no bolso, e fosse comendo a lua aos pedaços. Uma coisa louca assim.

Eu sentia transpirar — eu não sou muito de transpirar —, eu transpirava, tal o esforço que eu tinha que fazer sobre mim. E eu notava as risotas, outros acompanhavam assim... Mas eu estava quebrando as ambiguidades. Porque eu tinha medo de depois de avançar, recuar.

#### \* **Como Hernan Cortés mandando queimar os navios**

Vocês conhecem o episódio de Cortêz, que para fazer a guerra no México, mandou queimar a esquadra. Quer dizer, para a Espanha não se volta. Portanto, agora, ou nós dominamos os índios ou morremos, porque fugir não pode! Eu quis queimar a esquadra, quis queimar a retaguarda. Nossa Senhora me ajudou, queimei.

**\* Eu os convido, em nome de Nossa Senhora, para queimar os navios!**

Eu queria que os meus filhos do Chile todos queimassem a retaguarda! Tomassem umas atitudes por onde todo mundo não tivesse dúvida nenhuma! Porque ele é da TFP, e é a 100%!

Esse é o convite que eu lhes faço. Em certo sentido eu posso dizer que eu faço em nome de Nossa Senhora.

Em que sentido? É que eu sei que para fazer os grandes sacrifícios, ou a gente faz de uma vez ou não adianta nada.

**\* Como o Senhor Doutor Plínio menino entrando no banho de mar**

Os Srs. são de um país que tem um litoral imenso. Os Srs. todos mais ou menos tomaram banho de mar. E sabem que uma criança quando vai tomar banho de mar, se vai entrando no mar aos pouquinhos, se assusta e não quer se molhar, às vezes avança, às vezes recua. E quem está dirigindo a criança, exige que a criança sse molhe inteira, porque depois dela se ter molhado inteira, ela avança para o mar, não recua mais.

E eu quando era pequeno, ia tomar banho, eu tinha muito medo de tomar banho de mar por causa disso. A minha “fraulen” alemã, um dragão de cavalaria daqueles, uma senhora altamente benfazeja — morreu, naturalmente há muito tempo, mas eu conservo dela uma recordação reverente, afetuosa e agradecida — ela dizia: “Pliniô!! — não é Plínio, Pliniô!! —, para dentro do mar!” Mas ela entrava para o banho de mar me segurando numa mão, minha irmã na outra. Minha irmã era corajosa, ia para frente. Era o sarcasmo, eu homem era medroso, e ela menina era corajosa. Ela dizia: “Olha Rosé! E você como é que faz?!” Ela ia andando e me levando.

Em certo momento eu disse: “Já sei. Quando eu chegar com o mar por aqui, eu me sento dentro d’água para me molhar inteiro, para perder esse medo e queimar a retaguarda. Porque aí, se eu me molhar inteiro, por um jogo psicológico eu perco o medo.”

Também se os Srs. fizerem como os soldados de Cortêz, queima a esquadra, depois os Srs. pulam em cima dos índios como umas feras!

É o que eu tinha que dizer. Procurei o mais possível ser prático, o mais possível ser concreto. Não sei se algum dos Srs. quer me perguntar alguma coisa?

*Palavrinha Apóstolos Itinerantes — 21/10/91 — 2ª feira*

**\* Relação de D. Chautard com a nossa vocação e com a união com o SDP**

*(Sr. Gilberto Oliveira: O senhor poderia mostrar a relação de D. Chautard com a nossa vocação e com a união com o senhor?)*

Meu filho, a coisa é muito simples, nossa vocação...  
(...)

O objetivo de vocês é trabalhar pelo aumento do número de membros da TFP, aumento dos batalhadores, portanto, da Causa de Nossa Senhora, atuando sobre os bem jovens.

Agora, vocês se perguntam como atuar eficazmente junto a esses bens jovens quando estes recebem uma atuação em sentido oposto tão enorme como se exerce por aí. Quer dizer, dir-se-ia que há uma desproporção esmagadora e que o apostolado de vocês, na melhor das hipóteses é um apostolado quase inviável. Quase é o melhor das hipóteses, considerando a desproporção que eles têm do lado dele para atrair, para fazer o mal e que nós temos do nosso lado.

Então, o único jeito que há é a gente se voltar a Nossa Senhora e perguntar, na doutrina católica qual é a resposta.

**\* Em muitas situações da História a Igreja teve que lutar com adversários enormemente mais poderosos que Ela: lutou e derrubou**

A resposta é que isso é um modo de ver completamente errôneo, que em muitas situações da História a Igreja teve que lutar com adversários enormemente mais poderosos que Ela. Ela lutou, derrubou e está acabado. Com muito esforço, com muito sacrifício, com muito martírio, com muito cruzado, com muito heroísmo, não tem dúvida, mas derrubou. Um dos maiores poderes da História, vocês sabem disso, foi o império romano, o império romano acabou sendo que a Igreja o reduziu a pó.

Os senhores sabem que muitas das igrejas, dos templos romanos, ainda existem hoje, e são igrejas católica. No tempo em que São Pedro e São Paulo chegaram a Roma, eram dois pobres coitados, uns capiaus vindo de uma caipirice lá de Jerusalém para Roma que era a capital do mundo, a capital do mediterrâneo, etc., etc.

**\* Qual é o segredo pelo qual essa desproporção de forças não tem importância e o católico vence?**

O que é que seriam eles entrando nesses templos para ver como era aquilo? Era nada, não? Eles venceram. Agora, venceram então como? Qual é o segredo pelo qual essa desproporção de forças não tem importância e o católico vence?

É que ele recebe graças pelas quais quando ele fala, aquele com quem ele fala, recebe dele graças que Nossa

Senhora pôs na alma de quem falou. E que entra, portanto, o fator sobrenatural que vai por cima de tudo, que destroça tudo. Agora, então a pergunta para o nosso apostolado, é perguntar: esse fator sobrenatural como podemos obter? É a bomba atômica da Igreja, mas perto da qual a bomba atômica é um grãozinho de areia inofensivo e besta. E então como é que nós podemos obter isto?

**\* D. Chautard dá a resposta para nós termos um apostolado atomizado, ou seja, rico em graças, e, portanto, rico em triunfos**

D. Chautard dá esta resposta. Então para nós termos um apostolado atomizado, ou seja, rico em graças, e, portanto, rico em triunfos, o que é que nós devemos fazer? Vamos aprender no D. Chautard. Está claro, meu filho?

Então, eu acho que ficou claro para todos. Eu queria que cada um dos senhores aprendessem tão bem o D. Chautard, que eu encontrando assim, de supetão, em qualquer hora dissesse: “me exponha tal ponto assim do D. Chautard.” Ele: “bla-bla-bla”. Eu: “nota dez!” Essa é a minha ambição. Aqui é que está.

*Palavrinha Colombianos — 3/12/91 — 3ª feira*

**\* A força de alma de D. Chautard, hipnotizaor de leões!**

Eu vou terminar contando dois fatinhos da vida de D. Chautard. Assim vocês tomam mais entusiasmo ainda pelo homem.

Vocês sabem que ele era um homem de uma grande personalidade. E de uma tal personalidade que ele era hipnotizador, e que ele até hipnotizava leões! Numa viagem que ele fez pela Indochina, que era meio colônia da França, ele foi fundar uma trapa lá, qualquer coisa, e havia uma exportação de leões para a Europa... É das coisas horríveis do Ocidente, mostra o lado prosaico do Ocidente: compravam leões que andavam como reis nas selvas, para serem vendidos a circos de cavaleiros no Ocidente. É uma degradação do leão, uma coisa medonha!

Bem, mas enfim, o fato é que D. Chautard estava passeando no cais onde iam embarcar vários leões. Os leões estavam fazendo muito barulho. D. Chautard disse: “Eu vou obrigá-los a ficar quietos”. Chegou perto da gaiola, olhava para o leão, o leão ia amansando, amansando... Estava hipnotizado. Mas, para um homem ter a força para hipnotizar leão, não é brincadeira!

**\* D. Chautard dobra o furioso Clemenceau**

Na França, no tempo dele, havia um Primeiro Ministro muito anticlerical, maçom do que pode haver de mais ordinário, chamado Clemenceau. Ele foi Primeiro Ministro da França, durante a Primeira Guerra Mundial, e foi o motor

da vitória da França sobre os alemães. Por causa disso os franceses o chamavam “Le Père de la Victoire” — o Pai da Vitória.

Ele era um homem muito genioso, gritava, berrava até com o Presidente da República, era um homem insuportável, muito capaz. D. Chautard precisou, durante a guerra, tratar com ele certos assuntos da trapa dele. O Clemenceau detestava as trapas, porque dizia que eram homens inativos, que era preciso que todos fossem para a guerra, etc. E o D. Chautard foi falar com o Clemenceau.

A coisa começou com um rugido do Clemenceau, e o Dr. Chautard pam! Ele argumentou tão bem que o Clemenceau amansou, e no fim, as últimas palavras do Clemenceau para o D. Chautard foram: “Senhor Abade, eu peço que o senhor inclua meu nome na lista dos seus amigos”.

**\* Era ele próprio a documentação do que ensina**

Quer dizer, é um homem muito recolhido, muito contemplativo, etc., etc., por causa disso dotado de graças excepcionais que faziam dele um grande homem, de uma eficácia extraordinária! Ele era a documentação do que ele ensina!

Isso é para nós venerarmos ainda mais a ele, e tomarmos ainda mais a sério a doutrina dele.

Meus caros!

*Conversa com Sr. João Clá — 22/1/92 — 4ª Feira*

**\* “O homem, antes de servir, é preciso ser. A vida interior vem antes do cumprimento da missão”**

*[13/out/75 — relato]*

“O homem, antes de servir, é preciso ser. Por isso, dar glória a Deus, antes de tudo consiste em ser segundo Deus. A vida interior vem antes do cumprimento da missão”.

Porque nós somos atraídos, no começo da nossa vida espiritual, a ser. Tanto é a atração de ser, que esse pessoal que estava no Praesto Sum, vindo da Acies Ordinata, eles não queriam outra coisa. Eles queriam abandonar tudo e ficar eremita. Eles querem ser. Se nós formos analisar, cada um de nós, qual foi o flash profundo que a vocação nos deu, nós nos lembraremos disso: ser! “Eu quero mudar, quero me transformar, quero ser outro”. Esse é o flash.

Acontece que depois, com o tempo, quando a gente está a caminho de ser, surge uma árvore interessante, um outro desvio muito agradável também, a gente quer ir beber água lá embaixo... E aí, uma das coisas que entra dentro desse caminho todo é o fazer: “Eu quero fazer isto, porque preciso fazer aquilo outro, porque eu preciso mexer, preciso cutucar, preciso empurrar...”

Isso é secundário. Para que tudo seja bem feito, antes

de tudo o que é preciso é ser.

Exemplo: Plínio Corrêa de Oliveira. O que ele toca no mundo? Está tocando esta reunião aqui! Está tocando isto aqui. Como? Sendo. Se ele não fosse, ele não tinha meios de tocar essa reunião. Porque não adianta eu chegar lá em cima, e ele dizer: “Meu filho, eu vou lhe dar um conselho: pega o que eu comentei no dia 13 de outubro...” Ele não vai se lembrar mais. “Vá lá, procure nas cadernetas que você deve ter, um comentário que eu fiz no dia 13 de outubro de 75. Ali eu falo sobre o espírito de escravidão, e mostro com antes de tudo é preciso ser do que fazer. Aquilo é importante para tratar com eles”. Não dá para ele fazer isso.

Então, qual é a melhor forma dele fazer tudo e mais isso? Sendo. E, entretanto, os círculos mundanos mentem, porque eles dizem: “É preciso fazer! É preciso acontecer, é preciso ter! Ter é uma coisa importante. Sobre tudo se for dinheiro! É muito importante”. Quando não é real. O que é preciso, é ser.

“O homem antes de servir é preciso ser. Por isso, o dar glória a Deus antes de tudo consiste em ser segundo Ele. É ser como Ele antes de tudo. Eu, em relação a mim, sou assim. Eu sou assim comigo. Eu tenho em minha mão um látego, e vivo analisando os porões da inconformidade de minha alma.

“Não é o natural meu... Mosca de boa vontade que o picou e aboliu os efeitos do pecado original (quem?).”

A coisa é a seguinte. Ele dava o exemplo do Dr. Paulo. O Dr. Paulo era uma pessoa ultra sensível. Ele tudo fazia por sentimento. E o SDP faz tudo por razão, o contrário do Dr. Paulo. E se Dr. Paulo fizesse alguma coisa bem feita, todo o mundo elogiava, porque ele aparecia como um homem que foi picado por uma mosca de boa vontade. A mosca de boa vontade picou a ele, e ele passa a fazer todas as coisas por virtude, porque foi picado por uma mosca de boa vontade. Enquanto ele, SDP, não: tudo foi conseguido com força, com látego, com ascese, com esforço.

“E isso ninguém elogia. O que se elogia é o fruto de uma emoção. Porque se elogiassem a mim nesses pontos, seriam obrigados a imitar, e isso eles não querem.

“...nem em fazer consistir a observação da pessoa dele na pura emoção, e sim numa análise de como tudo o que ele faz é de acordo com a doutrina católica. E com isso ir preparando a alma para o sacrifício, e e perguntar: eu tive força para fazer tal coisa? Se eu não tive, eu devo rezar, devo pedir.

**\* O ápice de nossa vida espiritual é a identidade com o Fundador: No grupo, prefere-se a vida material à vida espiritual**

“O ápice do triângulo da vida espiritual e da santidade é o querer ser como ele. E há momentos nos quais a gente se sente desfalecido, mais ou menos como Nosso Senhor no

Horto das Oliveiras: *Pater, si fieri potes, transite ad me calice iste*. Nessa hora a gente reza. E para Ele veio um anjo e Lhe deu forças. Assim é preciso que eu peça também o auxílio de um anjo. É aqui que entra a rejeição, o pânico de que pedindo o anjo, de repente ele é enviado. Se ele for enviado, eu tenho que fazer aquilo para o que eu não tenho força. E eu vou ser elevado acima da minha própria natureza, e isso eu não quero.

“Isto tudo porque não se dá valor à vida espiritual sobre a vida material. Quer um exemplo de como não se dá valor? Se a gente vai para a rua, e todo o mundo começa a comentar, ou alguém comenta: “*Ihh! sua roupa não está bem!*” O sujeito fica todo inseguro e numa crise. Mas, se um outro disser: “*Olhe, sua alma não está em ordem*”... Então eu dou mais importância à minha roupa do que à minha alma.”

***Palavrinha curitibanos — 18/4/92 — Sábado***

**\* O apostolado não deve ser visto apenas como uma ação pela qual A persuade B de pensar de um certo modo**

Acontece o seguinte que o apostolado não deve ser visto apenas como — na sua substância — uma ação pela qual A persuade B de pensar de um certo modo e, portanto, de agir em conexão com esse pensamento. De maneira que se A consegue fazer com que B mude de pensamento — B é um revolucionário. E depois se convence de que ele tendo tornado um contra-revolucionário porque mudou de pensamento, ele deve ser um militante da contra-revolução, o apostolado está feito.

Naturalmente, visto no seu aspecto externo isto é assim, no seu aspecto material o que se passa com o apóstolo é isso; ele, de fato, obtém que o apostolando mude de convicção; tinha convicções ao menos em parte erradas e ele renuncia às convicções erradas e toma as certas, que ele incorpora junto com as convicções certas que já tinha e forma um determinado espírito que sendo o espírito católico, é o espírito da TFP. Então, [aí] está uma pessoa resolvida a pensar como a TFP. Como pensa, age; e, portanto, temos o apóstolo.

Considerada a coisa na sua materialidade isto é assim, mas na sua profundidade é muito mais do que isso.

**\* O apóstolo, ao fazer apostolado, repete de algum modo, a ação que Nosso Senhor Jesus Cristo convertendo os primeiros homens, para que esses, por sua vez, convertessem outros**

O apóstolo quando faz uma ação de apostolado, ele repete de algum modo, a ação que Nosso Senhor Jesus Cristo preparou vindo à terra e convertendo os primeiros homens, para que esses homens por sua vez convertessem outros, e

assim se organizasse a partir daquele pequeníssimo núcleo inicial com que Ele trabalhou. E núcleo que na hora H ainda procedeu de um modo mambembe, que foram os Apóstolos; sem falar de Judas que foi infame, e que não vale a pena nem mencionar. Mas os Apóstolos procederam de um modo mambembe: fugiram no Horto das Oliveiras; Nosso Senhor quis acordá-los para fazer companhia a Ele — tudo isso o Evangelho conta — e eles continuaram a dormir. afinal, quando eles viram o perigo saíram correndo.

Depois não se sabe bem como, São João Evangelista apareceu ao pé da Cruz, ele fugiu mas em certo momento reapareceu e assistiu a imolação inteira. São Pedro, negou — e vocês sabem disso — antes que o galo cantasse ele renegou a Nosso Senhor, etc.

A partir desse núcleo pequeno essa ação dEle convertendo esse núcleo, cada um dos outros Apóstolos deveria repetir convertendo uma série de outros e assim num sistema de bola de neve dar-se a conversão do mundo inteiro, e a História da Igreja no fundo é isso, foi isso o que se deu.

**\* Por que é que nós devemos repetir a ação de Nosso Senhor Jesus Cristo e fazer da nossa vida um apostolado?**

Agora, por que é que nós devemos repetir a ação de Nosso Senhor Jesus Cristo e fazer da nossa vida um apostolado? Porque Ele é o Homem Deus, o modelo de todos os homens, e Ele por seu exemplo nos ensina e nos atrai. E como o cristão é um outro Cristo, quer dizer, ele é uma repetição de Cristo como um homem que toma uma escultura e copia a escultura. A cópia é uma espécie de outro original, assim também Nosso Senhor Jesus Cristo é o modelo perfeito, nós devemos ser uns outros Ele próprio, e devemos, portanto, levar uma vida como Ele levou. Nossa vida deve ter um sentido análogo ao sentido dEle. E o apostolado que nós fazemos é apenas um dos aspectos por onde nossa vida repete a vida de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O professor Dumas disse muito bem, antes de tudo vem a adoração que Ele prestou quando se Encarnou, logo que Ele se encarnou, Ele prestou como Homem-Deus um ato de adoração perfeito, que Ele continuou a prestar durante toda a sua vida até o momento em que do alto do Tabor Ele subiu ao céu, Ele continua a prestar esse ato de adoração.

**\* Os atos de culto que o homem pratica para com Deus são: adoração, ação de graças, reparação, e petição; e Nosso Senhor Jesus Cristo, na via dEle, prestou um culto perfeito ao Padre Eterno**

Mas depois vieram os outros atos, os atos de culto que o homem pratica para com Deus são esses: adoração, ação de graças, reparação, e petição. Um homem que tem essas quatro atitudes perante Deus, este prestou a Deus um culto

perfeito.

E Nosso Senhor Jesus Cristo na via dEle prestou um culto perfeito ao Padre Eterno por esta forma, adorando desde o começo com uma adoração excelente, incomparável que é a adoração dEle. Depois, ação de graças porque Deus criado, a natureza humana dEle, hispostaticamente ligada à natureza divina e fazendo, portanto, um Homem-Deus. Depois, reparação tomando em consideração, não os defeitos dEle; nós devemos fazer reparação pelos nossos defeitos e pelos defeitos dos outros. Pelo contrário, Ele não tinha defeito nenhum, mas Ele fazia um ato de reparação por toda a humanidade como profeta que Ele era, Ele conhecia todo o futuro. Ele conhecia, por exemplo, essa reunião. E Ele conhecia a nós todos, Ele nos via a nós dez, aqui, e viu-me expondo. Viu antes Antoine expondo, depois viu-me a mim expondo. Viu os srs. ouvindo, e viu as reações de nossas almas enquanto nós falávamos, nós nos olhávamos, etc. E viu o que havia de bom aí, mas também viu o que havia de insuficiente, e pelo que havia de insuficiente e de errado, Ele apresentou reparação ao Padre Eterno. Por tudo que os homens todos fizeram de ruim, Ele prestou reparação.

**\* Um exemplo do que é uma reparação**

O que é que quer dizer reparação?

Imagine que eu estou... outro dia eu ouvi contar isso aqui em São Paulo. Os srs. devem ter notado que a minha casa fica quase ao lado de uma agência do Bradesco. Parou um automóvel de um particular qualquer e uma mulher saiu de dentro e foi retirar um cheque, depositar um dinheiro, qualquer coisa. E ficou no automóvel um velho, a transação demorou um tanto e o velho parece que achou cacete estar no automóvel muito tempo, saiu de dentro do automóvel e começou a andar na calçada de um lado para o outro. Mas o velho estava ainda de *chambre*, não sei por que ele não se vestiu e estava de *chambre* e provavelmente de pijama. A mulher chegou fora e ficou indignada com ele, e começou a gritar: “Eu já te proibi de sair de dentro do automóvel, por que é que você agora sai do automóvel? Entre para dentro logo!” e num auge de raiva foi e deu umas bofetadas no velho. O velho, estava se vendo que era um velho já meio gagá e sem possibilidades de reação, ele entrou tristonho para dentro do automóvel, sentou-se, a mulher entrou, bateu a porta e tocou na toda!

Nós teríamos vontade, se estivéssemos lá, de dar umas bofetadas na mulher ou pelo menos se não fosse dar as bofetadas na mulher, de fazer uma coisa que agradasse o velho. Se nós tivéssemos, por exemplo, uns bombons na mão, meter na mão dele: “Coma isso escondido dela!” qualquer coisa assim que desse a ele uma alegria que reparasse a tristeza que aquela víbora causou, não é? Esta é a reparação.



**\* Nosso Senhor quis reparar pela alegria que todas as ações dEle causavam à Santíssima Trindade, o desagrado que Deus tem com os nossos defeitos**

Então, Nosso Senhor quis reparar pela alegria que todas as ações dEle causavam à Santíssima Trindade, portanto, a Ele mesmo como segunda pessoa da Santíssima Trindade, ele quis reparar o desagrado que Deus tem com os nossos defeitos, sofrendo Ele por nós para satisfazer ao Padre Eterno. De maneira que o Padre Eterno recebendo aquele sacrifício perfeito que Ele fazia por nós, via nisso um ato de virtude perfeitíssimo que estava muito acima de todos os pecados dos homens. E reparava aos olhos de Deus os pecados dos homens.

Não sei se está bem explicado isso?

(Está claríssimo!)

Bem, então reparação, e em quarto lugar a petição. Sabendo o quanto Deus é bom, misericordioso, onipotente, senhor de tudo e podendo nos dar tudo, pedir a Ele aquilo que nós julgamos que é necessário condicionado à vontade dEle.

São os quatro atos de culto, e esses quatro atos de culto, Nosso Senhor praticou durante a vida dEle perfeitamente. E Ele não os praticou apenas nas horas em que Ele ia rezar.

**\* Embora o Evangelho seja sublime em tudo, a mim o que mais me toca são as orações dEle ao Padre Eterno**

Em vários momentos da narração do Evangelho está dito que Nosso Senhor se retirou e que rezou, e às vezes, o Evangelho narra algumas das orações dEle. Se bem que o Evangelho seja sublime em tudo, a mim o que mais me toca são as orações dEle ao Padre Eterno.

Eu não sei, eu tenho quase a impressão de ouvir a voz dEle. Começam então aquelas interlocuções de uma sublimidade perfeita em que Ele se dirige ao Padre Eterno, a gente tem a impressão que o céu se abre e que as três pessoas da Santíssima Trindade ficam olhando contentes e felizes, aquela reparação perfeita, aquela adoração, aquela ação de graças, aquela petição perfeita.

É o culto que sobe da terra, sobe da criação para o Criador e que forma toda a ordem do ser, desde Deus que cria até o homem que presta culto e repara. E o ciclo das reações se fecha inteiramente, harmoniosamente.

Não sei se eu estou claro no que eu estou dizendo?

(Sim!)

**\* O sentido profundo da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo foi um ato de adoração, de ação de graças, de reparação e de petição**

Bom, mas Nosso Senhor não fazia isto apenas enquanto Ele rezava, Ele fazia isso eminentemente enquanto rezava, não tem dúvida, mas Ele fazia mais do que isso. Toda a vida dEle, o sentido profundo da vida dEle foi um ato de adoração, de ação de graças, de reparação e de petição. Quer dizer o quê?

Durante toda a vida dEle, Ele fez coisas que traduziam a adoração contínua dEle a Deus, que traduziam o agradecimento, traduziam a reparação e traduziam a petição. Então, não só tal e tal episódio, por exemplo, a multiplicação dos pães ou a visita a Lázaro, Maria e Marta, etc.

O sentido, a concatenação de todos aqueles fatos da vida dEle, dão uma grande adoração, uma grande ação de graças, uma grande reparação, uma grande petição, que vai de ponta a ponta e que é o sentido da vida dEle.

**\* Nossa vida tem que ter esse sentido profundo: tudo seja um adorá-Lo, um dar-Lhe ação de graças, um reparar e um pedir, continuamente**

Assim, Ele quer que nossa vida tenha esse sentido profundo também, e que tudo em nossa vida seja isto, um adorá-Lo, um dar-Lhe ação de graças, um reparar e um pedir, continuamente.

Então, por exemplo, a partir... fica mais fácil conceber isto, a partir da vocação que cada um recebeu.

Recebeu a vocação — eu daqui a pouco vou falar da vocação — e entrou na TFP.

A partir disso a vida dele começa a se desenvolver mais ou menos como um romance de cavalaria, não desses romances modernos, o que os antigos chamavam romances de cavalaria, eram histórias de cavalaria, não é? Que São Francisco de Assis fazia ler no seu noviciado pelos seus franciscanos. Ele lia muitas vezes para os noviços ouvirem e se distraía lendo, o dulcíssimo São Francisco de Assis.

Bem, então a vida de cada um de nós... é chamado, ele entra, e continuamente deve ser que ele faça por amor de Deus aquilo que ele está fazendo. Então, os srs. proximamente estão ouvindo o que eu digo para um fim prático qualquer, digamos, para afervorar o grupo de Curitiba e melhorar o apostolado.

Está muito bem! mas por que é que querem afervorar o grupo de Curitiba? Por que é que querem que melhore o apostolado?

Porque querem que em Curitiba, que é parcela que naturalmente lhes está na mão, dentro do mapa do mundo em que Deus quer ser rei, dentro do mapa do Brasil em que especialmente Deus quer ser rei no milênio que vem.

Curitiba é a parte que lhes toca, nasceram lá, etc., ou foram chamados lá por conveniências de família, etc., estão lá, estão radicados lá, tem raízes em Curitiba e acabou-se!

Então, os srs., por que querem que Deus seja rei em Curitiba? Em última análise, porque amam a Deus. Quem quer que alguém seja rei, ama esse alguém e todo o empenho que os srs. têm que Deus seja rei e Nossa Senhora seja rainha no Paraná, é um ato de adoração a Ele, e de amor, de culto que se chama hiperdulia, —não é adoração, adoração é só Deus — prestado a Nossa Senhora.

Então, todo o resto que os srs. fazem, no fundo tem esta intenção de repetir de algum modo a vida de Nosso Senhor porque foram batizados, são católicos e a missão de católico é de algum modo refazer a vida que Nosso Senhor fez de adoração, de ação de graças, de reparação e de petição contínuos.

Meus caros, isso continua claro ou está meio embrulhado?

(Sim, está claro!)

**\* Em consequência, nós, entre outras coisas, devemos carregar a cruz**

Bom, isso tem como consequência que nós, entre outras coisas, devemos carregar a cruz. Nosso Senhor Jesus Cristo teve uma cruz e Ele a carregou de um modo magnífico. Mas Ele não sofreu só no momento em que Ele foi preso e foi levado para o... Ele foi incompreendido, Ele foi caçoado, Ele foi objeto de ingratidões de toda ordem, inclusive dos seus apóstolos, Ele teve incompreensões tais que quando Ele foi para o Horto das Oliveiras, onde devia começar a Sua Paixão, Ele foi com os Apóstolos e passaram por um determinado ponto do trajeto que ia do Cenáculo, onde se realizou a primeira missa até o Horto das Oliveiras, num certo ponto via-se a cidade de Jerusalém, e se via especialmente o Templo. E como é muito comum, muito normal, muito regular, eles pararam um pouco ali e contemplaram a cidade de Jerusalém.

Nosso Senhor chorou sobre Jerusalém, disse: “Ah! Jerusalém, Jerusalém! Quantas vezes Eu quis te reunir em torno de mim como a galinha abarca sobre suas asas os pintainhos mas tu não o quiseste. Agora chegou o momento, etc., etc.” E previu, profetizou a desgraça de Jerusalém que ia acontecer.

Aquele pranto dEle olhando Jerusalém e olhando o Templo, era um pranto que exprimia todo o sofrimento que Ele teve fazendo ações de apostolado junto a Jerusalém e sendo recebido daquele modo como Ele foi. Inclusive Domingo de Ramos em que foi uma festa superficial e que os judeus fizeram aquele viva, mas não tinha consistência nenhuma. Pouco depois eles estavam preferindo Barrabás, logo Barrabás!, o mais infame dos judeus, a Ele.

**\* Nosso Senhor sofreu durante toda a sua vida**

Bem, Ele, portanto, sofreu durante toda a vida dEle. Esses sofrimentos iam sendo depositados como que numa taça, mas uma taça imensa, onde Ele verteu suor, sangue e lágrimas. Ele chorou; Ele suou sangue no Horto das Oliveiras; Ele pediu ao Padre Eterno que se fosse possível afastasse dEle aquele cálice, mas que mais do que tudo se fizesse a vontade do Padre Eterno. Os srs. estão vendo o ato de adoração, Ele viu tudo quanto vinha, mas Ele quis que mais do que tudo que se afastasse aquilo, mas que se o Padre Eterno não quisesse Ele estava disposto a aceitar. Quer dizer é um ato de adoração, de submissão mas que contém uma adoração perfeita. Depois isto foi para frente, Ele foi preso e depois veio toda a Paixão, crucifixão, tudo quanto os srs. conhecem.

**\* No momento em que expirou na cruz era o sofrimento supremo: a separação da alma do corpo**

Bem, no momento em que Ele disse *consumatum est* no fim da Paixão, inclinou a cabeça, diz o Evangelho, *et tradidit spiritum*, a sua alma se evoluiu do corpo.

Bem, era ali o sofrimento supremo. Dizem os teólogos que a separação da alma do corpo na morte, é um sofrimento tremendo que nunca ninguém soube porque nunca ninguém contou. Separou, acabou! Mas um padre do Colégio São Luís onde eu era aluno deu um exemplo perfeito. Porque eu perguntei ao padre: “Mas padre, a gente vê uma pessoa morrer, morre tão mansamente e acabou. Será que é tão terrível a morte?” Ele disse: “Você tome o seguinte, tome aqui a unha e a carne, você veja como a unha é unida à carne. Ora, a unha é um elemento superficial do corpo humano, arrancar uma unha sem anestésico nem nada é uma dor terrível. Ou então cortar a unha para fora é uma dor terrível, quanto mais será a arrancar a alma de dentro do corpo.”

Deve ser uma coisa terrível! Ele passou por aquele lance e o cálice estava cheio; a adoração estava perfeita, tinha sido cumprida inteiramente; a ação de graças também porque aquilo era uma ação de graças, Ele dava tudo para agradecer o que Ele tinha recebido, reparação e petição pelo gênero humano.

**\* Nós devemos entender que nossa vida tem sofrimentos, e tem muitos sofrimentos**

Bem, assim deve ser a vida de todo católico, ainda que seja de uma modesta mãe de família, de uma modesta religiosa, de um homem desconhecido que sofre, etc., etc., a vida deve ser assim se ele for verdadeiramente católico.

[Sr. Gugelmin entra na sala]

E que... o que é que há meu caro?

(Sr. Gugelmin: SDP, já são sete e meia e o hindu já

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 37 de 54  
está aí.)

Parece ação de graças... peça ao bom hindu para esperar um pouquinho, ouviu?

Bem, e em consequência nós devemos entender que nossa vida tem sofrimentos, e tem muitos sofrimentos. E que esses sofrimentos, vejam bem, fazem parte do significado da vida. O significado da vida sendo a de repetir a de Nosso Senhor Jesus Cristo, faz parte do significado da vida que nós soframos. Esse ponto para quem tem algum problema axiológico, é um ponto muito importante.

#### \* O que é a vocação?

O que é a vocação?

*Vocare* em latim é chamar; vocação é um chamado. Pertencer à TFP é uma vocação especial. Segundo a moral ou a teologia conforme queiram, há duas espécies de chamado:

Um é o chamado geral, é o chamado para uma vida comum para um destino comum. Os srs. abram a janela, olham as pessoas que lotam esse prédio de apartamento, que andam pela rua, etc., etc., elas têm um destino comum de levar a vida comum dos homens, não tem um chamado especial. Eles são chamados para o céu como todo o mundo, passando por isto tudo que eu falei.

Mas, alguns são chamados para servir a Deus especialmente. Deus os quer, os amou gratuitamente de um modo especial, sem que fizessem nada para serem mais amados, mas Deus os amou gratuitamente assim. E ao mesmo tempo que os chamou para uma tarefa exímia, sermos todos juntos a corte dos que vão derrubar a Revolução e implantar o Reino de Maria, Ele nos deu por isso a missão de repetirmos a vida dEle com uma semelhança especial, com uma fidelidade especial. Essa semelhança e essa fidelidade marcam o sentido de nossa vida.

#### \* A nós que recebemos uma vocação especial, especialíssima até, Ele nos dará uma força extraordinária pela qual seremos capazes de coisas que o comum dos homens não é capaz

Bem, pode parecer duro. Pode parecer duro, ter que enfrentar uma vida assim. Mas a lição correspondente a isso está no Evangelho, Nosso Senhor disse ao Padre Eterno que fizesse a vontade dEle. Padre Eterno não afastou a cruz dEle mas mandou um anjo lhe trazer uma taça misteriosa com uma bebida, uma beberagem que deu a Nosso Senhor forças para levar até o fim, com aquele heroísmo a Paixão que Ele levou. E ali se realizou o reino dEle. etc., etc., Ele conquistou o mundo, ficou Redentor do mundo, portanto, rei do mundo porque Ele fez a vontade do Padre Eterno.

Também a nós que recebemos uma vocação especial, especialíssima até. Os srs. vejam como nós somos poucos em relação ao número enorme dos homens e como através desses

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 38 de 54  
poucos, Ele sacode as águas.

Ele nos deu uma vocação especialíssima mas nos dará também uma força extraordinária pela qual seremos capazes de coisas que o comum dos homens não é capaz. E este é o sentido do batalhador durante a Bagarre, por exemplo.

Nós teremos uma força, que no momento não temos, eu sei que dizendo aos srs. o que eu estou dizendo, alguma coisa provavelmente os empolgará mas outra coisa lhes dá medo. Porque os srs. foram — como todo o mundo — como eu fui, como todo o mundo, habituado a uma vida, a uma perspectiva de um vida agradável, de uma vida sem muitas preocupações, tem algumas a gente sabe que tem, mas a quota de alegrias é muito superior à quota das preocupações e a gente com isso vai tocar a vida que todo o mundo toca.

Aqui em frente tem uma confeitaria italiana, uma tal Brunella uma coisa assim. Bem, a gente vê continuamente gente que entra lá que compra doce, que sai, que come lá; é o comum da festa da vida.

O que é que nós estamos fazendo, como [é] uma coisa diferente que nós estamos fazendo? Também o que nós estamos fazendo é uma coisa mais sublime do que comer uma *brioche*. Para eles, comer uma *brioche* é um prazer da vida, nós gostamos. A gente come a *brioche* e não pensa mais nela. Eles não, aquilo é um... as *brioche*!! E se fossem só as *brioche*... a jogatina, a roubalheira, as fassuras, e tudo o mais, fazem o prazer da vida deles. Eles passam a vida pensando nisso; trabalham, sacrificam-se para isso, para megalar que é o outro prazer que eles gostam a mais não poder; megalar e para alegrar-se.

#### \* Nós seguimos Aquele que tomou uma cruz sobre as costas e foi andando e chegou até o píncaro

Nós não, nós seguimos Aquele que tomou uma cruz sobre as costas e foi andando e chegou até o píncaro. Dali, deitou-se, fez-se crucificar mas, no alto, Ele já fez uma ação que homem nenhum pode fazer. No momento em que daí a pouco Ele ia morrer, Ele canonizou o primeiro homem, ao bom ladrão Ele perdoou os pecados... [*vira a fita*]

... e já foi levando a alma daquele homem, com certeza, para o céu.

Os srs. estão vendo a beleza disso tudo, a grandeza, não é?

#### \* O princípio axiológico é o princípio de que a vida do homem e toda a obra de Deus, tem uma finalidade e um sentido, sobretudo as pessoas especialmente chamadas

Então, o princípio axiológico o que é que vem a ser?

É o princípio de que a vida do homem e toda a obra de Deus, portanto, também a existência do homem, tem uma finalidade e um sentido, sobretudo as pessoas especialmente chamadas. Aquilo deve ter uma finalidade e um sentido, mas

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 39 de 54

aquela finalidade e aquele sentido devem realizar-se muitas vezes na alegria e na vitória, muitas vezes na dor e na derrota.

E nós não devemos nos espantar se muitas e muitas vezes nós sofrermos desapontamentos, sofrermos aparentes derrotas. Porque a derrota aparente está no caminho daqueles que verdadeiramente vencem.

Por que é que eu estou usando a palavra “aparente”? Porque as derrotas desse mundo são aparentes. No fundo aquele que realizou a vontade de Deus, esse venceu! Então, faz parte de nossa vida ter toda espécie de esperanças; jogar-mo-nos para realizar essas esperanças, encontrarmos obstáculos, encontrarmos decepções, e — eu não recuo diante do que eu vou afirmar, hein! — inclusive os srs. entre si se decepcionarem.

Bem, mas no fim se todos perseverarem, todos terão vencido.

Eu vou lhes dar um exemplo.  
(...)

*Despacho — 24/9/92 — 5ª feira*

**\* Em função do livro de D. Chautard “A Alma de todo apostolado”, como é que cada um está?**

Acho que de outro lado valeria a pena vocês se perguntarem: com função ao livro de D. Chautard a “Alma de todo apostolado”, como é que cada um de nós está?

Porque se trata de saber, se eu sou um apóstolo através do qual de fato filtra a graça ou não filtra. Porque se não filtra a graça, do que é que está adiantando todo aquele negócio?

Sem a graça não há apostolado que dê resultado.

Se São Tomas de Aquino que foi talvez o homem mais inteligente que tenha existido na terra. São Tomas de Aquino disse assim conversando, eu creio que foi com aquele frei Romualdo uma coisa assim, que era o secretário dele, que ele nunca releu uma página de um livro. Porque ele lia, entendia inteiramente, e aquela página se fixava na memória visual dele. De maneira que ele até sabia o que é que estava escrito no livro palavra por palavra.

O fruto que ele tirava disto, nós vimos, é uma coisa colossal!

Se São Tomas de Aquino não tivesse sido santo, ele não teria feito o apostolado que fez.

Essa é a tese de D. Chautard.

**\* Se o apóstolo não está indo para cima, não adianta procurar levantar os outros**

Agora, para a gente puxar o outro para cima... você imagine que você tem um amigo com quem você está fazendo apostolado e que está num mar muito revoltado e está

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 40 de 54

com perigo de afundar e estende a mão para você. Para você suspendê-lo, você tem que ir para trás.

Assim também, se você quiser suspender um amigo que está no fundo, você tem que suspender e você ir para cima também.

E se cada um de vocês não estiver indo para cima, não adianta procurar levantar os outros.

Então, que os meus queridos apóstolos fariam um bem muito grande em fazer um... vamos dizer, por exemplo, de tempos em tempos, de cada três meses ou qualquer coisa assim, um meio dia de recolhimento. Por exemplo, na sede cardeal Segura e Saenz.

Onde pudessem perguntar-se a si próprios:

— “Eu estou subindo? Porque quem não sobe, não levanta.”

Eu não sei se esse princípio está claro?  
(Está claríssimo!)

Bom, por fim, só mais duas coisas que eu vou expor muito rapidamente.

É pedir para umas tantas capellanas, ou passar uma circular para todos os conventos que têm relações com vocês, expondo sumariamente a dificuldade que tem em coletar novos jovens. Para que elas rezem empenhadamente para que a Providência encaminhe a vocês todos aqueles que Nossa Senhora quer que sejam da TFP.

Eu acho que é uma coisa que é muito boa.  
Está claro meu caro?

*Santo do Dia — 25/09/93 — Sábado*

**\* A única tristeza que a SDL dava ao SDP era a de vê-la triste**

Colocado em prova nunca. Dado muito alegria sim. Dado como tristeza apenas o ver a tristeza dela. Nenhuma outra tristeza.

Agora, meu filho, a sua primeira pergunta qual foi?

(Sr. -: Como em vossa combativa e profética vida as provações mais do que as consolações vos levaram ao ideal de santidade para vós traçado por Nosso Senhor Jesus Cristo.)

Pois não.

Eu fui formado como a imensa maioria dos brasileiros, com a idéia de que um santo é um ser inteiramente excepcional. É de tal maneira um ser excepcional, que não há santos a não ser um em cada mil anos, nasce um santo. E já com todas as características de um santo, aparecendo com relubrimentos, com fenômenos místicos, e deixando-nos completamente sem ter o que dizer diante da grandeza deles.

De onde, naturalmente, a idéia que eu tinha, como tinham todas as pessoas no meu tempo, uma idéia errada de

que nós não éramos chamados para nenhuma forma de santidade, que nós éramos chamados para sermos bons, para então praticarmos o bem, a verdade, etc., num grauzinho pequeno e está acabado. Mais do que isso não era necessário e nem era possível

**\* Só é fecundo o apostolado de quem é santo, e quem não é santo não tem apostolado capaz de atrair gente**

Como é que aconteceu que eu chegasse a ter a idéia de vir a ser santo algum dia de maneira tal que quer os senhores quer eu possamos de fato sê-lo se nós quisermos? Portanto, não era um sonho, não era uma loucura, não era uma mania, mas era uma coisa realizável. Como é que isto chegou aos meus olhos?

Foi lendo o D. Chautard. O livro de D. Chautard “A alma de todo apostolado”. Ele chegava à tese de que só é fecundo o apostolado de quem é santo, e que quem não é santo não tem apostolado capaz de atrair gente.

Ora, eu queria absolutamente atrair gente. E, portanto, por causa disso tinha que tentar ser santo. Se tinha que tentar ser santo, é preciso meter a mão na massa, porque do contrário o meu apostolado sairia vazio. Se fosse vazio o apostolado, seria vazia a minha vida. Se era vazia a minha vida, mais vale a pena morrer, porque se é viver para levar uma vida vazia, é uma vida besta, isso eu não queria por preço nenhum.

Então, daí um certo esforço para começar a combater certamente defeitos que antes disso eu julgava que quase não eram defeitos.

Eu me lembro, por exemplo, que fui educado na idéia de que a mentira é um pecado venial. Mas é um pecado venial tão pequeno que não tinha importância nenhuma mentir. Se morresse, depois, iria passar umas horas no Purgatório, saía do Purgatório e ia para o Céu. Daí eu tirava a conclusão que quando eu tivesse vantagem podia mentir à vontade, porque depois eu recebia um prêmio aqui nessa Terra por ter feito mentiras a favor do bem, a favor da verdade. E que por isso estava todo o problema resolvido. E mentia então completamente à vontade.

**\* O fato que deu ao SDP a convicção que não há outra política a não ser a de dizer a verdade**

Eu me lembro que um rapaz — eu era noviço de congregado mariano nesse tempo — um rapaz que estava entrando como noviço também, nós estivemos diante de uma dificuldade e ele me disse:

— Agora, Plínio, como é que nós fazemos?

Eram dificuldades de apostolado.

Eu pensei e disse:

— É muito simples, vamos mentir que isto é assim.

Eu me lembro até agora da cara dele. Ele me olhou

bem de frente e assim com uma atitude muito categórica e me disse.

— Mas então mentir?

— Olha, fulano, não tem importância é um pecado leve.

— Não espere de mim que eu minta porque nunca na minha vida farei isso.

Aquilo criou na minha alma uma tal convicção de que não se mente, um tal horror à mentira, que se eu encontrar... se eu agora ainda tiver contato com os lugares com que ele e eu tivemos contato, e eu vir os lugares em que essa pessoa evitou de mentir para evitar de desagradar a Deus, eu terei uma lembrança do que eu tive nesse dia quando ele me disse isso, e que eu compreendi: “não se mente. Não se tem o direito de mentir, a política é a política da verdade. Não há outra política a não ser a de dizer a verdade”.

Esse rapaz depois perdeu-se. Para os senhores verem como são as coisas. E eu procurei conservar-me e procurei levar a minha vida não mais mentindo. E com isso a lição dele foi pouco útil para ele, mas foi muito útil para mim.

Eu peço a Nossa Senhora que cuide da alma dele pelo bem que ele me fez.

**\* Quando se trata de afirmar um princípio, o SDP deixa que a amizade fale à vontade**

E vou andando, meu filhos, porque eu estou morrendo de cansado. Não sei se notam que eu estou até morrendo de sono. E que eu preciso absolutamente descansar mais um pouco, porque tive uma semana que talvez tenha sido a mais fatigante de minha vida. De maneira que eu fiquei aqui com os senhores, porque “viver é olhar-se e querer-se bem”...  
[Aplausos]

Normalmente eu não permito que as palmas dadas a mim sejam tão longas, mas quando se trata de afirmar esse princípio, eu deixo que a amizade fale à vontade.

Mas agora não tem remédio, eu tenho que ir mesmo. Que Nossa Senhora a todos os ajude.

Pedir a Nossa Senhora rezando a Ela todos os dias um Memorare aos pés de uma imagem dEla, pedir a graça de ter um horror à mentira e um amor à verdade.

*MNF — 26/12/94 — 2ª feira*

**\* A luta e a vitória do Fundador contra as paixões**

Eles eram sobrinhos do Cardeal Arcoverde por parte do pai, por parte da mãe eles eram Ulhôa Cintra e, portanto, primos do Paulo. Mas eram rapazes altos, muito calmos e muito bem apessoados.

Eles não disseram nada, começou aquela história e eles não disseram nada. Eu vi que eles entraram num botequim e compraram qualquer coisa. Eu não prestei atenção.

Depois vi os três, eram três grandões, muito maiores do que a molecada. Eles tinham comprado uma espécie de bombinha de estralo que tinha pólvora dentro, que a gente jogava assim e estralava a pólvora.

Eles com calma e como quem enxota mosquitos que um indivíduo está atacado, pium, pium, pium, assim, e a molecada:

— Nheemmmm!

Eles:

— Fiquem quietos, não quero mais amolação — porque essas coisas dão medo.

Daí a pouco eles voltaram de novo eu disse: “E agora? Eles de repente não têm dinheiro para comprar outro”. Eu vi que eles tinham guardado uns tantos, que eles tinham percebido que depois da primeira ofensiva a molecada vinha com a segunda e diriam: “Não quero mais coisa, hein! Olha lá, pá! pá!”.

Durante este tempo inteiro eu não tinha vontade de brigar com os moleques, de vingar dos moleques, não tive nada, uma coisa inexistente. Continuei conversando com os outros com toda a calma.

É uma vingança de um jeito diferente, é alguma coisa que tocasse em mim por outros lados. E era uma vingança, mas com requintes. Era furiosa em mim essa tendência para a vingança, que graças a Deus, tanto quanto eu noto, morreu completamente.

(Sr. G. Larraín: Senão estaríamos todos mortos, senhor. Há muito tempo já.)

Outra coisa cujo tipo de paixão era muito vivo em mim era o gosto de ser elogiado, a ponto de provocar situações para provocar elogio. Quando eu era elogiado ficava melado, e quando eu não era elogiado, aquele que não me elogiou era um inimigo que não quer me elogiar porque não me quer bem, é um inimigo potencial. Também aqui desta parte ele tem uma vingança armada em cima dele. Na primeira ocasião vai um em cima dele.

Correlato com isso ambição: vontade enorme de galgar as melhores situações, melhores lugares, e levar uma vida maravilhosa. Quer dizer, uma vida de nababo, muito rico, para isso casar com uma mulher muito rica — porque ser *business man* nunca me atraiu de nenhum modo — e viver pelo menos meio tempo no Brasil, pelo menos meio tempo nos esplendores da Europa.

(...)

Graças a Nossa Senhora essas paixões não me dão trabalho nenhum hoje em dia, mas, enfim, essas paixões existiam.

Elas tinham o perigo de se entrelaçar no ideal contra-revolucionário e fazer da Contra-Revolução, que era uma contínua imolação, uma meta para a vaidade e para o orgulho... E era por aí: “É verdade, isto aqui é uma imolação

contínua e eu faço essa imolação porque em relação a Nossa Senhora e a Nosso Senhor Jesus Cristo eu quero fazer e faço, estou fazendo. Mas essas coisas de vez em quando têm uns pulos que a gente não pensa, e pode ser que de repente haja uma reviravolta qualquer e que essa posição contra-revolucionária me seja, pelo contrário, vantajosíssima. Neste caso, tirei partido assim, assim, assim”.

O que me curou disso — como, aliás, da vaidade também — foi D. Chautard.

(Sr. G. Larraín: Como o senhor disse, tirar partido é um partido pessoal.)

Pessoal, vantagem pessoal.

(Sr. G. Larraín: Porque partido pela causa é outra coisa.)

É outra coisa.

#### \* A noção da necessidade da total despreensão para a vitória da Causa; a colaboração de D. Chautard

O que me serviu muito para isso foi D. Chautard, porque D. Chautard foi sacrossantemente inexorável e perfeito. Ele me mostrou o seguinte: “Se você, Plínio, quiser ter algum resultado da Contra-Revolução, esse resultado tem que ser sobrenatural, porque se não for sobrenatural você não obtém”. Pela razão que D. Chautard põe, e que me deixou estatelado, eu não tinha a menor suspeita disso: nenhuma ação apostólica que a gente ponha é capaz da menor eficácia se ela não for ungida pela graça de Deus, porque quem de fato torna fecunda a apostolicidade daquela ação é Deus.

As qualidades humanas que eu possa ter posto na ação serão maiores ou menores; é uma ilusão pensar que este é o fator principal. Este é o fator perfeitamente secundário, bom, [*a très belle chose?*]. A questão é de ter feito renúncias de sangue, em que Nosso Senhor de fato veja: “Este é um homem idôneo e por meio do qual eu quero agir, porque deu tudo”.

De fato é o que D. Chautard diz.

(Sr. J. Clá: Nosso Senhor é muito categórico quando diz: “Sem mim, nada”.)

Nada.

(Sr. J. Clá: É nada.)

Nada é nada, não tem conversa.

Eu confesso que caí das nuvens, e percebi imediatamente qual era o gênero de sacrifício que era preciso fazer. Mas me pus diante do seguinte: “Mais do que tudo na vida o que eu quero é fazer vencer a Contra-Revolução. Se eu fizer essa Contra-Revolução, mas procurando tirar vantagens, partidos, eu faço o papel de bobo, porque a minha Contra-Revolução não vence e o partido que eu poderia tirar servindo a Contra-Revolução, esse partido eu não vou tirar. Eu não tiro vantagem nem da Revolução, nem da Contra-Revolução, eu sou um bobo, um palhaço”.

(Sr. G. Larraín: Está muito bom, é assim mesmo.)

Não, e depois isto é assim.

“Então este ponto tem que mudar, e tem que mudar bastante, para eu ter certeza de que isto não está atrapalhando no apostolado. Porque do contrário eu sei que ofendo a Deus, que eu desagrade a Nossa Senhora e sei que eu estou fazendo o papel de bobo. Então vejo que o apostolado não dá fruto, não dá fruto porque eu sou um bobo. E se você, Plínio, quiser conhecer a causa disto, vá no espelho, olhe-se e diga: o asno é esse”.

**\* O modo “sui generis” usado por Nossa Senhora para dar popularidade à TFP**

Por isso é que eu mencionei, na última reunião, com tanto *empresement* o D. Chautard, porque realmente isso é de uma conseqüência. Todo o modo de tocar a TFP seria errado se isto não fosse verdade, todo o modo.

Eu vou dizer mais ainda.

O nosso modo de tocar as coisas no que diz respeito à popularidade é o seguinte: nós para fazermos popularidade temos que fazer tudo que provoque a impopularidade e esperar da graça que ela nos fecunde essa emulação fazendo crescer — pelas vias do rio chinês e como ela quiser — o fruto do que nós plantarmos.

(Sr. A. Meran: Isso aqui é um verdadeiro vade mecum para nós.)

Ah, eu acho que é, meu filho. E depois não é *vade mecum* não, é de D. Chautard.

(Sr. M. Navarro: Essa transição ficou completada a que altura?)

Meu filho, graças a Nossa Senhora essas coisas assim em mim são muito categóricas e em pouco tempo se resolve.

Eu li isso quando tinha mais ou menos... é muito incerto. Às vezes até quando dou informações variam de data, porque ora me parece que é numa ocasião, ora na outra, mas é quando eu tinha, mais ou menos, entre vinte e vinte e dois anos.

(Sr. M. Navarro: Foi depois de conhecer o movimento mariano então?)

Foi depois de conhecer o movimento mariano.

Eu perdi um pouquinho o fio do que eu estava. Eu estava falando das paixões.

(Sr. J. Clá: É.)

(Sr. G. Larraín: É, mas pelo lado do equilíbrio, não é?)

Exatamente, aqui está.

**\* A radicalidade do Fundador contra as paixões: tem que cortar tudo, ou é a derrota; não se pode ter a desonestidade porca e vil de deixar um pontinho ficar**

Isso conduziu a um equilíbrio do lado das paixões, que hoje em dia poderia parecer falta de vitalidade.

Um enjolas um dia desses me fez uma pergunta muito engraçada, lá no Praesto sum — nem me lembro que enjolas era. Se eu poderia dizer para eles — a gente vê que isto foi objeto de uma conversa numa rodinha deles — o que se passa na minha cabeça enquanto eu estou sendo aplaudido — ele não usou a expressão francesa — *a la hauteur tête* no plenário. Porque eu fico com um ar tão alheio àquilo como se não dissesse respeito a mim, que se perguntam eles como é que as coisas se passam na minha cabeça em não começar a estimular os aplausos.

Caí na gargalhada quando eles falavam...

(Sr. G. Larraín: Mas é uma pergunta que não é só de enjolas, é uma pergunta de todo o mundo, porque qualquer um cai nisso.)

Eu disse a eles, expliquei mais ou menos: “Se eu não dominar isto nos momentos em que isto vem, tudo está pronto, tudo acabado, morreu tudo. E nessas coisas, sobretudo, um ponto importante: é não ter a desonestidade porca e vil de deixar um pontinho ficar”.

(Dr. P. Brito: Tem que cortar tudo, não é?)

Tem que cortar tudo ou é a derrota, porque se não cortar tudo, renasce a toda a hora; e cada vez que renascer, renasce mais forte, e a gente chega à conclusão que a religião Católica é impraticável porque não há quem dê cabo disso.

(Sr. G. Larraín: Claro.)

Então, voltando à questão da construção de uma psicologia e uma mentalidade.

**\* O desenvolvimento orgânico de todas as virtudes na alma do Fundador**

Essas coisas iam se formando assim aos poucos, refletidamente, ponderadamente. Às vezes um ano ou dois depois de eu ter tomado uma decisão nessas matérias, eu consegui explicitá-las. A explicitação sempre foi o auge da vitória, porque quando eu explico sou capaz de uma análise lógica, e com uma análise lógica inspirada pela verdade, pela Fé, eu tenho o garfo da verdade, que pega a coisa e é isto. Então, a explicitação é uma necessidade a serviço da Fé.

Em conseqüência, tudo isso foi tomando assim um aspecto como o de uma planta que cresce, de um peixe que está no rio, que foi solto pequenininho e que vai crescendo, ele come de cá, mordisca de lá, dorme de cabeça para baixo, faz arquixtravagância própria à natureza dele e vai crescendo.

Pergunta-se: “Você cresceu antes na cabeça ou nas barbatanas?”. Um peixe não saberia dizer: ele cresceu, foi assim.

Assim tudo isso se passou na minha cabeça. Estou contando muito metodicamente como o único jeito de poder me exprimir.

(Sr. J. Clá: E depois isso ajuda enormemente, porque

como nós somos chamados a ter o senhor como modelo, a ter nossa vida espiritual se alimentando da do senhor, se a gente não tem as contas bem claras, a gente, de repente, constrói, de fato, uma quimera desligada daquilo que é a realidade, e depois segue um caminho errado.)

Dá um fracasso. E depois que fracassa, queixa contra Deus.

(Sr. J. Clá: Uma vez que o senhor diz, por exemplo, o que o senhor fez a respeito da vingança, o que o senhor fez a respeito da vaidade, ou nós fazemos ou nós nos condenamos, não tem dúvida.)

Não tem dúvida e eu estou certo disto. E é o sentido do que eu estou dizendo.

(Sr. J. Clá: Quer dizer, vale mais do que qualquer retiro isso aí.)

### *Palavrinha Uruguaios — 11/3/94 — 6ª feira*

#### **\* Um exemplo do que podem os livros guardados num canto: o modo pelo qual o Senhor Doutor Plínio conheceu o “A alma de todo apostolado”**

Eu termino dando a vocês um exemplo do que podem os livros guardados num canto.

Quando eu era menor, eu morava com os meus pais em casa de minha avó. Era uma daquelas casas antigas, grandes, e ela era a matriarca da casa.

Ela tinha o hábito de ficar deitada na cama até tarde, porque não tinha saúde muito boa. Mas deitada na cama, uma cama colonial bonita, serviria para peça de museu, ela deitada na peça de museu dela, ela ficava governando a casa. Porque tocavam campainha, o criado ou a criada vinha anunciar que tinha tal problema, esses problemas de uma casa muito movimentada. E ela ia reinando sobre essas ninharias.

Um dia passa por lá um padre, um irmão leigo, pobre, esfarrapado, toca a campainha e oferece um livro para minha avó. Mas ele nem sabia quem ela era nem nada, ele estava vendendo de porta em porta.

Eu vi porque eu estava no quarto dela quando entrou a governanta da casa que disse a ela:

— Da. Gabriela, aqui está esse livro.

Ela olhou um pouquinho e mandou lerem o título do livro para ela. Ela não entendeu o título do livro, o que é que queria dizer. Mas a governanta da casa, que era muito piedosa, mais até do que minha avó, estava com evidente pena do homem que estava vendendo. Também não entendia o que é que queria dizer o título do livro, mas queria que minha avó comprasse para entrar dinheiro no bolso do irmão leigo. Então disse:

— Não, Da. Gabriela, leia porque um homem tão bom

não pode deixar de difundir livros bons.

Este raciocínio de uma elementaridade primata tocou minha avó. Ela disse:

— Então compre.

Ela dava ordens à maneira das antigas senhoras, aquilo soava de longe. Deu essa ordem.

A criada foi depressa, comprou o livro, e eu vi a criada meter o livro numa estantezinha que minha avó tinha com alguns livros, mas um lugar inteiramente escondido lá.

Eu era meninote quando vi e é uma idade — vocês devem ter passado por essa idade também — onde a gente presta muita atenção no que se passa em casa. Depois, pelo contrário, a gente está maduro e foge de casa, quer ver o que é que se passa fora de casa. Mas é uma idade em que a gente quer ver o que se passa dentro de casa. Eu estava nessa idade e acompanhei o histórico do livro com os pormenores que os senhores estão vendo.

Eu fiquei mocinho, fiquei moço, e na idade de moço eu entrei para a Congregação Mariana. E rompi com um hábito que tinha minha irmã, tinham meus primos todos, tinha eu também, de freqüentar muito a sociedade. Eu rompi, rompi com o mundo e comecei a trabalhar pela religião.

#### **\* As terríveis tentações que o Senhor Doutor Plínio teve contra a Fé e o modo pelo qual as combateu**

Mas acontece isso com certa freqüência na vida espiritual: quando eu rompi para me dedicar à religião, eu fui assaltado por um conjunto de tentações verdadeiramente horrível, que eram tentações contra a Fé.

As tentações contra Fé provinham de um equívoco.

Eu tinha ido me confessar com um padre e apresentei para o padre o seguinte... eu acho que nem vale a pena dizer o que é. Bom, vamos lá!

Eu fui me confessar com o padre e apresentei ao padre a seguinte dúvida, eu disse ao padre:

— Eu tenho Fé católica, apostólica e romana até ao fundo da minha alma. Mas por que é que eu tenho Fé? Por que é que eu creio? Eu creio. Mas por que é que eu creio? Em última análise eu creio porque eu sinto que a Igreja Católica é verdadeira. Porque eu não fiz uns estudos teológicos aprofundados, nem acho que seja preciso isso. Eu creio porque creio. Se não fosse assim, como é que seria a coisa?

O padre me disse o seguinte:

— Mas você então se não tem raciocínios para justificarem sua Fé, você não tem Fé.

Eu achei que estava errado.

Existe uma expressão francesa muito expressiva: *la foi charbonnière*, a Fé do carvoeiro, a Fé do homem ignorante.

Por que é que um carvoeiro acredita que Jesus Cristo veio ao mundo, filho da Santíssima Virgem? Porque a Igreja



†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 49 de 54  
ensina.

Está bom, mas por que é que ele acredita na Igreja? Ele estudou os documentos que provam que Jesus Cristo fundou verdadeiramente a Igreja? Ele acredita porque acredita, é a Fé do carvoeiro.

**\* Uma má orientação dada num confessorário**

Eu tinha a Fé do carvoeiro.

Eu disse ao padre:

— Mas então eu não sou católico?

— Sim, se você puser em suspenso — olhe a loucura — a sua Fé e for fazer a crítica da sua Fé.

(Sr. -: Que bárbaro!)

É uma coisa... Bom, mas era o progressismo que começava, não é? Porque isso é progressismo.

Saí do confessorário e não disse mais nada. Eu disse: “Se o padre diz que eu não tenho Fé, eu não tenho. Porque senão eu estou duvidando da Igreja. Ora, eu morro agora, já, de mártir, para provar que a Fé católica é verdadeira. Esse padre me diz que eu não tenho Fé. Eu enquanto não resolver esse caso, vou suspender a confissão, vou suspender a comunhão e vou viver exclusivamente de rezar, até que esse problema se resolva.”

Eu não tinha outra coisa para fazer.

Depois percebi logo que qualquer outro padre que eu consultasse ia sair com coisas desse gênero, e que ia apenas agravar a minha...

(Sr. -: A crise.)

É, a minha crise. Ia agravar minha crise.

Mas isso me trazia pavor. Porque pode imaginar um de vocês que sai de casa para ir se confessar e volta com atestado de que não pertence à Igreja.

É uma coisa!... é melhor morrer. Foi de longe o pior sofrimento de minha vida. Olhe que eu estou com 85 anos, hein! Foi de longe o pior sofrimento de minha vida.

Estava nessa situação quando houve uma coisa que se prende à coisa de minha vida privada, que transformariam essa conversa aqui numa conferência e, portanto, não apresenta senão o interesse da vida privada e não vou entrar nisso.

Eram mais ou menos três horas, três e meia da manhã, quando — eu estava dormindo — ouço a campainha tocar, do telefone. Minha família toda estava em Santos, um porto de mar que tem aqui por perto, que está para São Paulo mais ou menos como Viña está para Santiago, é uma relação parecida. Ouvi tocar a campainha, venci minha preguiça e fui ao telefone para ver o que era.

(...)

... e quando nós chegarmos no hospital você se confessa.

Eu receei que ele não quisesse confessar, mas ele não

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 50 de 54  
disse nada e continuou a gemer.

(...)

... se tinha gerado no meu espírito a resposta para o que dizia o padre, e que essa resposta satisfazia completamente, que aquilo estava liquidado.

**\* Tendo passado incólume em relação às tentações contra a Fé, o Senhor Doutor Plínio se propõe a dar um ardor ainda maior à sua vida de piedade**

Aí uma alegria única, e eu pensei: “Eu vou a um outro padre confessar-me para ter certeza que a solução que eu cheguei é a solução verdadeira.”

Fui, e o padre que era um padre que dizia-se que praticava milagres, era possível, um padre italiano chamado Giovanini, salesiano... Eu comecei a contar o caso meu para ele, ele me disse com uma certa energia:

— Deixe de lado isso, porque tudo isso que você está contando não tem interesse.

— Mas, padre, isso é um caso pessoal.

— Não é um caso pessoal. É o demônio que quando uma pessoa larga o mundo e se entrega a Deus tenta contra a Fé. O que está dando com você é uma coisa comum, e com o demônio a gente não discute. Não discuta com o demônio. Eu vou te dar uma absolvição para você estar tranquilo, e eu tomo a responsabilidade. Você amanhã vai comungar.

Eu saí nas nuvens de contente.

Bom, voltei a comungar. Eu me lembro da alegria na hora, durante a missa, em que chegou a comunhão, porque eu tinha medo que ainda aparecesse uma tentação. A alegria com que eu me levantei afinal para ir comungar. Foi uma das maiores alegrias de minha vida. É natural.

Daí continuei a comungar, graças a Deus, até hoje.

Mas ficava para mim uma dúvida. É a seguinte: “Que orientação vou agora dar à minha vida? Depois do que se passou eu tenho que ficar muito mais fervoroso do que fui, preciso dar um incremento a minha vida religiosa muito maior do que tinha dado até aqui. O que é que eu vou fazer?”

Eu disse: “Olhe, tem aquele livro na estante de vovó.”

Eu me lembro que gostei do nome do livro, e o livro era escrito por um francês.

Vocês sabem bem que uma coisa escrita por um francês exerce uma sedução especial sobre minha alma.

O livro se chamava “*L’âme de tout apostolat*”. O nome do autor é um nome que também eu acho muito sonoro, D. Chautard.

Eu fui ao quarto da minha avó, tirei o livro lá de dentro, nem falei com ela nem com ninguém, aquele livro para ela... ela morreu sem saber que tinha esse livro.

**\* “A Alma de todo Apostolado”: um marco fundamental da vida interior do Senhor Doutor Plínio**

Comecei a ler e percebi que era um céu que se abria para mim. Toda aquela explicação da vida interior, da fecundidade do apostolado da vida interior, que não tem fecundidade nenhuma o apostolado se a gente não tem vida interior, tudo isso eu li com verdadeiro encanto e, se eu não me engano, li mais de uma vez.

Ficou como um marco fundamental da minha vida interior, foi essa “Alma de todo Apostolado”.

São os dois livros que marcaram a minha vida interior: “A Alma de todo Apostolado”, de D. Chautard, e o “Tratado da Verdadeira Devoção”, de São Luiz Maria Grignon de Montfort, que também me caiu nas mãos de um modo curioso.

**\* Todo o impulso do Contra-Revolução no mundo inteiro começou a partir de um livro vendido por um pobre coitado, guardado numa gaveta, e do qual Nossa Senhora tiraria tanto bem**

Eu não sabia que viria a ser no futuro um fundador de um movimento com sucursais em 25 países do mundo, com não sei quantos mil membros, enfim, quantos são, e que se encarregaria da Contra-Revolução no mundo inteiro.

Todo esse bem começou a partir de um livro vendido por um pobre coitado, guardado numa gaveta, digamos, e que do qual Nossa Senhora tiraria tanto bem.

Se acontecer de vocês venderem um livro desses e o livro ficar na gaveta, não será que ele poderá fazer um bem igual?

Não sei a pergunta se está clara.

Eu termino com outro livro, de São Luiz Grignon de Montfort. São Luiz Grignon de Montfort é uns anos depois.

Eu tinha resolvido — depois dessas coisas — não me casar. Antes eu tinha idéia vaga de me casar, eu achava que todo mundo se casa como todo mundo respira.

Alguém vai me dizer se vai respirar amanhã? Bom...

Está bem, mas, enfim, vamos.

Depois veio-me a idéia de não, de guardar o celibato a vida inteira e em grande parte D. Chautard. Porque o D. Chautard mostra que o apostolado do homem que guarda celibato é muito mais fecundo do que apostolado do homem casado. Tudo isso ia se montando lentamente na minha cabeça.

Eu fiquei com vontade de não exercer nenhuma profissão e jogar-me no apostolado individual. Mas eu não tinha dinheiro, meu pai tinha perdido tudo quanto tinha há pouco.

Nessas condições, eu tinha que trabalhar. Trabalhando, a vida é tão dura em São Paulo, que não dava para dedicar a

***Comentário das Fotos de D. Chautard — 16/1/95 — 2ª feira***

Eu acho o seguinte: que ele é um sujeito inteligente — eu não sei quem é —, decidido, meio megão, mas me parece que, ao mesmo tempo, é uma pessoa que eu não garanto nada que seja boa, ouviu?

Quem é ele?

(Sr. Frizzarini: Esse daqui o que é que o senhor acha?)

(Sr. Gugelmin: Vem o próximo agora.)

(Sr. Humberto: Com mais idade.)

(Sr. Frizzarini: É a mesma pessoa que...)

**\* Se D. Chautard não tivesse sido um santo, seria um homem temível**

D. Chautard?!

Para você ter uma idéia — não tinha a menor idéia que era D. Chautard —, ele tinha uma tal força, era um homem tão decidido, que ele hipnotizava leões.

É a última palavra, não é?

(Sr. Gugelmin: Acho que o senhor não conhece uma aqui que é dele que é extraordinária! Essa daqui o senhor já conhece.)

Pega essa.

(Sr. Gugelmin: Não, é uma outra.)

Em todo caso deixa eu olhar um pouco.

(Sr. Gugelmin: São cinco anos de diferença, parece, não é?)

Entre esse e esse?

(Sr. Frizzarini: São alguns anos de diferença.)

Aqui ele progrediu bem.

Agora, a força a personalidade acentuou-se aqui.

(Sr. Frizzarini: Por correspondência à graça.)

Correspondência à graça, é evidente.

A tal ponto que eu vou dizer mais: se não tivesse sido um santo, seria um homem temível, ouviu?

(Sr. Gugelmin: O que será que quer dizer “cellerier”?)

Celeiro, que toma conta dos víveres, etc.

Mas ele aqui é celeiro?

(Sr. Frizzarini: Eu acho que quando ele entrou no postulado certamente devia ser.)

É *Père*... eu estou sem óculos...

(Sr. Gugelmin: Jean-Baptiste, “cellerier”).)

É, como celeiro.

Mas ele é temível, ouviu?

(Sr. Frizzarini: Essa fotografia já é mais conhecida.)

Agora, há qualquer coisa de temível nele, mas ele continua com uma força e uma grandeza de personalidade extraordinária.

Aqui não diz nada?

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 53 de 54

(Sr. Frizzarini: Nada.)

(Sr. Gugelmin: O senhor vai gostar.)

(Sr. Frizzarini: Essa aqui é a última fotografia dele, com 72 anos de idade.)

É uma coisa curiosa, mas houve uma sublimação de toda a personalidade. Quer dizer, a força continua a mesma. Naturalmente ele está velho. A gente tem a impressão de uma árvore, digamos, que está dando os seus últimos e mais sublimes frutos, mas que sente que não vai durar mais muito, que ele sente em si mesmo que ele deu tudo o que tinha e que está já anoitecendo.

Onde é que vocês conseguiram essa série tão interessante?

(Sr. Frizzarini: É de um livro narrando a vida dele que foi pedido para ampliar.)

Ah!

(Sr. Frizzarini: São fotografias pequenas...)

Que foi o quê?

(Sr. Frizzarini: O Sr. Mário Shinoda ampliou. Foi pedido para a ele que ampliasse essas fotografias para que o senhor pudesse ver.)

Aqui ele é um bom moço, mas o bom é muito mais natural do que sobrenatural.

Você sente muito isso comparando esse com esse.

(Sr. Frizzarini: Nossa Senhora! É inteiramente.)

Aqui ele está a caminho do Céu, não é? O resto são etapas intermediárias.

**\* Se eu encontrasse D. Chautard e não o admirasse seria para mim um desapontamento tremendo**

Mas é extraordinário, eu gosto muito de ter visto.

(Sr. Humberto: Nós conhecemos uma pessoa, Senhor Doutor Plínio, que desde criança até os seus 86 anos de idade sempre esteve numa santidade contínua.)

Não, não...

(Sr. J. F. Vidigal: Sempre a caminho do Céu.)

Não.

(Sr. Humberto: Só que desde criança já na santidade.)

Não, não, não... Na santidade!

(Sr. Frizzarini: Não teve o problema do “bom moço” do lado natural somente, porque já desde pequeno via o sobrenatural. Quando menino, entrando na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, a primeira coisa que ele ia era querer procurar a Alma do Sagrado Coração de Jesus.)

É. Que contas a prestar, hein!

(Sr. Frizzarini: Sim, sem dúvida, mas...)

Que contas a prestar, hein!

(Sr. Lucoves: D. Chautard deve estar no Céu de joelhos esperando a bênção do senhor.)

Se eu encontrasse D. Chautard, mandava abrir um buraco para entrar dentro para olhar para ele...

†  
(IHS) ALMA DE TODO APOSTOLADO ) p. 54 de 54

(Sr. Humberto: E o senhor ia observar que ele já estava mais embaixo.)

... tanto eu admiro a ele.

Aliás, se eu encontrasse D. Chautard e não o admirasse seria para mim um desapontamento tremendo, não é verdade?

(Sr. Frizzarini: Mas o maior desapontamento seria o dele.)

*Benedictio...*